

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO

VALDELICE CARVALHO DE SOUSA

DA PRAIA A PARQUE: O RESSIGNIFICADO DAS PAISAGENS DA PONTA
NEGRA – MANAUS/AM

Manaus/AM
2015

VALDELICE CARVALHO DE SOUSA

DA PRAIA A PARQUE: O RESSIGNIFICADO DAS PAISAGENS DA PONTA
NEGRA – MANAUS/AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Território e Ambiente. Linha de pesquisa: Espaço, Território e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira

Manaus/AM
2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S725d Sousa, Valdelice Carvalho de
Da praia a parque: o ressignificado das paisagens da Ponta Negra - Manaus/AM / Valdelice Carvalho de Sousa. 2015
104 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Amélia Regina Batista Nogueira
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. paisagem. 2. lugar. 3. território. 4. percepção. 5. Ponta Negra.
I. Nogueira, Amélia Regina Batista II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Dedico aos meus pais, por todo o amor e dedicação, estando em todos os momentos me apoiando e incentivando nas minhas escolhas e decisões.

A minhas irmãs por todo o carinho, apoio e colaboração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente acima de tudo a Deus, por mais essa conquista, sei que tudo isso só foi possível com Sua divina bondade.

Aos meus pais, Maria e Fernandino, por sempre procurarem dar-me o melhor, ensinando-me que os estudos é a base para se conquistar novos horizontes.

A minhas irmãs, Fernanda, Mariluce e Eunice, por todo apoio e cumplicidade.

A minha prima, Brenda Suellen, por me acompanhar em alguns dos campos, e por me ajudar na realização das entrevistas.

A minha orientadora, professora Amélia Regina Batista Nogueira, pela dedicação, paciência e carinho que conduziu minha orientação. “Muito Obrigada!”

Aos professores do departamento de Geografia que contribuíram para o desenvolvimento de minha formação.

Aos colegas da graduação, pelo carinho e incentivo.

Aos colegas do Programa de pós-graduação em Geografia pela convivência acadêmica.

A amiga, Sandra Maria, por compartilharmos da alegria por ingressar no mestrado e dos momentos de descontração.

Ao João Bosco, pelas longas conversas telefônicas e por alguns encontros presenciais, os quais sempre permeavam em direção ao desenvolvimento de nossas pesquisas.

A Mônica, que se tornou uma amiga e parceira de viagem durante o desenvolvimento do mestrado, onde compartilhamos dos mais diversos sentimentos durante as apresentações de nossos artigos.

Ao Edeilton pela companhia agradável durante os congressos que participamos.

Ao Jair, pela elaboração dos mapas, e por sempre está disposto a ajudar.

Aos comerciantes e frequentadores do Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra, por sempre me receberem com grande receptividade.

Aos colegas de profissão, em especial ao Ronildo, que sempre tinha uma palavra estimuladora, nos momentos em que estava angustiada.

As professoras Regiane, Maira e Luciana, por terem me auxiliado na correção desse trabalho.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro.

Ao Jornal Acrítica, ao Instituto Municipal de Planejamento Urbano e a Fundação Municipal de Cultura e Eventos pelas fotos e informações cedidas.

A todos aqueles, que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma com o desenvolvimento desse trabalho.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (Arthur Schopenhauer).

RESUMO

A Ponta Negra é um lugar que faz parte da história de vida dos manauaras. Ambiente que sempre atraiu olhares dos mais diversos sujeitos, não só dos habitantes da cidade, que veem nela parte de seu mundo vivido, mas também dos turistas que estão de passagem. Diante disso, a pesquisa foi estruturada para compreender o ressignificado que os frequentadores fazem da paisagem desse lugar, após as várias transformações sofridas. À medida que os sujeitos iam atribuindo novos significados frente às mudanças, acabávamos adentrando na categoria território, principalmente nas perspectivas conflituosas que são cotidianamente vivenciadas. É importante considerar, que diante das categorias paisagem, lugar e território, buscamos analisar a percepção dos indivíduos que constituem a Ponta Negra, isto é, pensar esses homens como sujeitos construtores dos lugares que vivenciam. Estudar as categorias geográficas é como organizá-la num conjunto conceitual, pois ambas de certa forma se completam. Para tudo isso, utilizamos como fundamento epistemológico a Geografia Cultural Humanística de base fenomenológica. Por meio dela traçamos as relações que os homens estabelecem com o meio, sendo construída e reconstruída, segundo uma dimensão simbólica. Deste modo, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, fez-se uso da entrevista semiestruturada. As entrevistas foram conduzidas de maneira informal, procurando deixar que os sujeitos relatassem livremente sobre suas vivências e experiências, assim, alguns sujeitos descreveram sentir falta da antiga paisagem, como por exemplo, a praia, no entanto, não há como negar que o ambiente tornou-se um local familiar, que até então de acordo com os entrevistados não existia. Além dos relatos, tivemos as representações realizadas através dos mapas mentais, esses foram confeccionados de acordo com a percepção de um comerciante local, que destacou os elementos positivos e negativos que as modificações na paisagem da Ponta Negra apresentaram durante os últimos anos.

Palavras-chave: paisagem; lugar; território; percepção; Ponta Negra.

ABSTRACT

Ponta Negra is a place that's part of manauaras' life story. This locale has always attracted looks from many people, not only from city population, who consider this tourist place very important for their own lives, but also from the visitors. This research was structured to understand the meaning of this place for its visitors after several transformations. As people were giving their opinion about all remake produced at Ponta Negra, we consider such evidence related about territory category, mainly above all conflicting perspective experienced. It is necessary to emphasize our analysis about the visitors' point of view concerning the landscape, place and territory categories of this beach. Thereby, those people build the place with the experience they have had. Studying the geographical categories means organize them into a conceptual group, because both of them can complete each other. We had just used, like an epistemological foundation, the Humanistic Cultural Geography as phenomenological basis. We changed the relationship people have established with the environment. This is built and rebuilt according to a symbolic dimension. Thus, due to the fact this is a qualitative research, we have used the semi-structured interview. These interviews were conducted by an informally way, because each interviewed could report about their experiences at Ponta Negra by their own way; as soon, some interviewed preferred the beach in the past way. However, the new Ponta Negra became a familiar place, although this fact did not exist before. We also have the mental maps, obtained through these speeches. These representations have been done by the visitors' sense of perception about that place. They said about positive and negative look of the transformations at the Ponta Negra over the time.

Keywords: landscape; place; territory; perception; Ponta Negra.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01: Mosaico referente ao entorno do Teatro Amazonas..... | 50 |
| Figura 02: As casas flutuantes em Manaus..... | 53 |
| Figura 03: Os empreendimentos imobiliários próximos ao calçadão da Ponta Negra..... | 54 |
| Figura 04: Mapa de localização do Bairro Ponta Negra – Manaus/AM..... | 57 |
| Figura 05: Tropical Hotel com sua bela vista para o Rio Negro..... | 59 |
| Figura 06: O Balneário da Ponta Negra na cheia de 2009..... | 61 |
| Figura 07: Comerciantes acompanhando a subida do Rio Negro..... | 62 |
| Figura 08: Comerciantes acompanhando a descida do Rio Negro..... | 62 |
| Figura 09: Barracas dos comerciantes próximas à orla..... | 63 |
| Figura 10: Praia da Ponta Negra..... | 64 |
| Figura 11: Ambulantes na Ponta Negra..... | 66 |
| Figura 12: Mapa de localização da área de estudo..... | 68 |
| Figura 13: Momentos da FIFA fan fest no Complexo Esportivo Ponta Negra...72 | |
| Figura 14: Delimitação para uso da praia..... | 73 |
| Figura 15: Calçadão do Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra..... | 74 |
| Figura 16: Faixa liberada próximo ao calçadão..... | 75 |
| Figura 17: Novos quiosques no padrão container..... | 76 |
| Figura 18: Queima de fogos na virada de ano na Ponta Negra..... | 77 |
| Figura 19: Placa de identificação do Parque Ponta Negra..... | 78 |
| Figura 20: Estruturas das barracas comerciais..... | 81 |
| Figura 21: Os comércios padronizados pela prefeitura..... | 82 |
| Figura 22: Informativo a respeito das cobranças para uso dos banheiros..... | 84 |
| Figura 23: Mapa mental 01 da 1ª Ponta Negra..... | 91 |
| Figura 24: Mapa mental 02 da 2ª Ponta Negra..... | 93 |
| Figura 25: Mapa mental 03 da atual Ponta Negra..... | 95 |

LISTA DE QUADRO

| | |
|--|----|
| Quadro 01: Esquema de como se constitui a paisagem cultural..... | 28 |
| Quadro 02: Esquema teórico do processo perceptivo..... | 35 |

LISTA DE ABREVIATURAS

CMA – Comando Militar da Amazônia

IMPLURB: Instituto Municipal e Planejamento Urbano

PE: Polícia do exército

SEMJEL: Secretaria Municipal, Esporte e Lazer.

TAC – Termo de ajustamento de condutas.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1. AS ABORDAGENS DA GEOGRAFIA CULTURAL E HUMANÍSTICA | 17 |
| 1.1 A Geografia Cultural e Humanística: as bases epistemológicas..... | 17 |
| 1.2 A Geografia Humanística: as abordagens fenomenológicas..... | 22 |
| 1.3 A construção humana da paisagem..... | 26 |
| 1.4 Paisagem e lugar: as experiências vividas..... | 33 |
| 1.5 Paisagem e território: a construção das territorialidades..... | 41 |
| 2. DO TEATRO A PONTA NEGRA | 47 |
| 2.1 A paisagem da cidade: os diferentes momentos..... | 47 |
| 2.2 Para além da praia: o bairro da Ponta Negra..... | 56 |
| 2.3 O balneário da Ponta Negra: "antes não era praia era o Rio Negro"..... | 61 |
| 3. A PERCEPÇÃO DOS FREQUENTADORES DO PARQUE CULTURAL, ESPORTE E LAZER PONTA NEGRA | 68 |
| 3.1 A Ponta Negra virou parque..... | 68 |
| 3.2 Os conflitos territoriais: "as territorialidades construídas"..... | 78 |
| 3.3 A Ponta Negra como lugar de existência..... | 84 |
| CONSIDERAÇÕES | 97 |
| REFERÊNCIAS | 101 |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou compreender as percepções que os frequentadores do Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra fazem da paisagem do lugar, para isso, buscamos fundamentar o trabalho através das leituras da Geografia Cultural Humanística de perspectiva fenomenológica. Diante desse princípio, temos que a paisagem é o produto da percepção do mundo vivido dos sujeitos, o qual é caracterizado por um mundo de valores, mundo esse que segundo Buttimer (1985) é o mundo em que a consciência é revelada.

Segundo Corrêa (2001), a Geografia Cultural ofereceu contribuições particulares para a compreensão da ação humana sobre a superfície terrestre, pois é sobre o espaço que o homem constrói seu cotidiano e conseqüentemente apresenta sua cultura. Dessa forma, é de extrema importância ter conhecimento sobre a Geografia Cultural ao se estudar as categorias geográficas, território, espaço, lugar, paisagem e região, não posso compreendê-las isoladamente, sem considerar a cultura, pois é à vista disso que os seres humanos dão sentido às paisagens.

Partindo desses pensamentos, temos que foi numa abordagem humanística que a Geografia Cultural foi pensada por nós, visto que é através dela que entenderemos as relações que o homem estabelece com os lugares, e assim constituindo as paisagens e os territórios. Nessas condições, Tuan (1985) reforça que a Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com objetivo de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição.

É importante ressaltar que foi com as perspectivas fenomenológicas que fundamentamos as análises da Geografia Cultural e Humanística, com intuito de alcançar a interpretação da consciência, particularmente das experiências. Dessa maneira, cada sujeito é o foco de seu próprio mundo e, perante o conhecimento vivido, o homem estabelece várias maneiras de pensar, sentir e conhecer o ambiente.

Vale considerar que para atingir os objetivos traçados realizamos uma pesquisa qualitativa, tendo como principal procedimento metodológico, a realização das entrevistas semiestruturadas com os sujeitos. Enquanto muitos

tratam os indivíduos de seus estudos como meros objetos, as abordagens discutidas aqui os tratam como sujeitos que examinam suas experiências, tornando possível a apreensão de inúmeras paisagens que são constituídas por quem vive o lugar.

Portanto, podemos afirmar que com a técnica das entrevistas conseguimos obter dados essenciais para o desenvolvimento do trabalho, onde através dela, adentramos ao mundo vivido dos sujeitos que constituem o parque. As realizações dos campos, com objetivo de realizar as entrevistas, deram-se especialmente nos dias de maiores fluxos, isto é, nos fins de semana e feriado.

Cabe frisar, que além das entrevistas semiestruturadas como procedimento metodológico, os mapas mentais, que inicialmente não tínhamos a intenção de utilizá-los, acabaram fazendo parte do desenvolvimento da pesquisa, tão importante quanto as entrevistas, pois neles os indivíduos tem a capacidade de selecionar os elementos mais significativos que representam o lugar.

Por tudo isso, o trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro momento, discutimos os pressupostos da Geografia Cultural e Humanística de base fenomenológica; usamos a fenomenologia para descrever a percepção dos frequentadores conforme as relações construídas cotidianamente com o lugar. Nesse primeiro capítulo, também procuramos discorrer sobre as categorias, lugar, paisagem e território, todas essas, entendidas como construção humana. Logo, o lugar contém paisagem, território e região. Portanto, temos que dependendo da relação que se estabelece com o lugar teremos nele incorporado a paisagem e/ou território.

No segundo capítulo, realizamos um recorte espaço dos lugares, sendo estes, a cidade de Manaus, em seguida o bairro da Ponta Negra e por último o balneário Ponta Negra. Iniciando o capítulo, abordamos sobre a paisagem da cidade de Manaus, destacando os elementos marcantes que estão presentes não somente na estrutura física dos monumentos, mas principalmente na vida de quem fez parte de tudo isso.

É importante salientar, que essas discussões sobre a paisagem de Manaus que compuseram o segundo capítulo foram necessárias por ser essa

cidade o lugar onde a Ponta Negra está inserida, além do mais, durante as entrevistas sobre a paisagem do Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra, alguns associaram sua “imagem” com a que compreende a área central da cidade de Manaus.

Dando prosseguimento, tratamos sobre os principais aspectos da história do bairro Ponta Negra, tais como, o período de ocupação, e a possível explicação para que assim seja denominado. Atualmente, é considerado como um dos bairros mais nobres da cidade. No local temos as instalações militares, os condomínios residenciais, o Shopping Center e o Parque Ponta Negra, sendo este último o mais significativo elemento desse lugar.

O Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra, simplesmente conhecido pelo nome de Ponta Negra, diz respeito ao lugar por nós escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa. O parque é compreendido principalmente pelo calçadão e a orla do rio, sendo frequentado por um público diversificado. Vale mencionar, que é de frente para o Rio Negro que se encontra o luxuoso Tropical Hotel, o qual também faz parte do cenário do lugar aqui estudado.

Para encerrar o II capítulo, relatamos especificamente sobre o balneário da Ponta Negra. Os balneários na cidade caracterizavam o principal ambiente de lazer da população amazonense, os quais eram frequentados desde a elite até os populares. À medida que os anos passavam a Ponta Negra se tornava o lugar ideal dos encontros familiares, pois a população podia se refrescar nas águas do Rio Negro sem maiores preocupações.

No terceiro capítulo, relatamos as atividades que foram e são desenvolvidas no Parque Ponta Negra. Diante das diversas intervenções realizadas nos últimos anos, percebemos não apenas uma alteração da paisagem, mas também nas relações entre os diversos grupos que frequentam a Ponta Negra e os que fazem dela também seu espaço de trabalho. Dessa forma, essas alterações acabaram gerando os diversos conflitos que atualmente vivenciamos nesse lugar, o que de certa forma influencia nas relações de existência que o homem possui, acarretando uma nova maneira de conceber os lugares, as paisagens e os territórios.

No último item do III capítulo, relatamos as percepções dos frequentadores e comerciantes da Ponta Negra. Com os comerciantes próximos à orla, as entrevistas foram realizadas durante a semana, preferencialmente pela parte da manhã, pois o fluxo de clientes nesse horário é quase nulo, o que facilitou o desenvolvimento de nossos diálogos. Já as entrevistas com os comerciantes do calçadão deram-se pela parte da noite, uma vez que durante o dia essas barracas não eram abertas.

Durante a realização das entrevistas, um dos sujeitos da pesquisa, também designados por nós de coautores desse trabalho, nos expôs o desejo de representar o que estava descrevendo através da fala numa folha de papel. Vale lembrar que essa preocupação de registrar os conhecimentos dos lugares foi construída pelos antigos habitantes dos diversos lugares da Terra, sendo registrados segundo sua percepção e concepção do mundo em que viviam.

Assim, esse sujeito que vivencia o lugar, representou diante de três recortes espaciais, seus mapas mentais, nesses foram reproduzidos as transformações pelas quais a Ponta Negra passou. Em suas representações fez questão de evidenciar os pontos positivos e negativos das mudanças, principalmente as ocorridas na praia e no comércio.

Diante disso, Nogueira (2001) ressalta que os mapas mentais apesar de não trazerem a precisão matemática dos mapas oficiais, estes contêm todas as informações percebidas e concebidas pelos homens. Acrescentando ainda que as representações são frutos da vivência de cada indivíduo.

Por tudo isso, foi por dos diálogos e da construção dos mapas mentais que demonstramos que o lugar Ponta Negra representa um lugar de existência e de vida.

1. AS ABORDAGENS DA GEOGRAFIA CULTURAL E HUMANÍSTICA

1.1 A Geografia Cultural e Humanística: as bases epistemológicas.

Nesse primeiro momento, buscamos resgatar as bases epistemológicas que fundamentaram a pesquisa. A proposta aqui é de apontar de forma breve, os pressupostos da Geografia Cultural e Humanística, os quais se tornaram essenciais para os geógrafos que pretendem compreender o espaço geográfico, relacionando a cultura com os lugares vividos.

Ao relatar sobre a Geografia Cultural e Humanística, faz-se necessário destacar alguns apontamentos em relação à geografia enquanto ciência. Ao realizar um levantamento histórico em relação à ciência geográfica, é possível afirmar que os gregos foram à primeira cultura conhecida a explorar ativamente a Geografia como ciência e filosofia, sendo os maiores representantes: Tales de Mileto, Heródoto, Eratóstenes, Hiparco, Aristóteles, Estrabão e Ptolomeu. (MOREIRA, 2009)

Segundo Moreira (2009) Estrabão, criador dessa ciência, afirmava que a geografia e seu modo de envolvimento que até hoje a define é marcada pelo homem, a terra, a vida e a felicidade, as relações que os enlaçam na totalidade dos modos de vida variáveis no espaço e no tempo. Dessa forma, a relação que o homem estabelece com seu meio deve ser mediatizado pela cultura.

Percebe-se que desde o princípio pensava-se a Geografia para além da descrição dos lugares, buscando articular a relação que o homem estabelece com o meio, no entanto seus caminhos a tornou por um longo período uma ciência meramente descritiva, abarcando principalmente os aspectos ligados a natureza. Atualmente, observa-se uma ciência que busca incorporar em suas análises a perspectiva cultural, abordagem que é caracterizada por muitos como Geografia Cultural.

Dentre as inúmeras ramificações que a ciência geográfica possui, temos a Geografia Cultural como umas delas, vários autores apontam como sendo um subcampo da Geografia. Assim como a Geografia política, física e econômica, entretanto, Claval (2001) certifica que outros autores preferem falar de abordagem cultural na Geografia, pois alegam que de certa forma os fatos

geográficos possuem uma contribuição cultural. Diante disso, entendemos que a Geografia Cultural apresenta um leque de interpretações, para isso buscaremos fundamentos com intuito de compreendê-la.

Os fundamentos iniciais da Geografia Cultural datam do final do século XIX, os quais tiveram fortes influências americanas e posteriormente francesas e alemãs. Segundo Corrêa e Rosendahl (2011) a Geografia Cultural ganhou identidade nos Estados Unidos a partir da obra de Carl Sauer e de seus discípulos, caracterizado primeiramente na Escola de Berkeley, sendo mais tarde espalhada por várias universidades.

A Geografia de Sauer e de seus discípulos baseava-se no historicismo, o qual recebeu fortes influências dos antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie, e do historiador Herbert Bolton (CORRÊA, 2001). Sauer por meio dos ensinamentos desses autores deixou importante legado na Geografia Cultural. Como citado, o historicismo apresenta grande relevância em seus estudos, em termos gerais, abarca as abordagens dos fenômenos e das culturas humanas.

É importante considerar que a Geografia Cultural desempenhou um significativo papel no pensamento geográfico, oferecendo uma contribuição peculiar para a compreensão do homem sobre a superfície terrestre. Entretanto, essa preocupação da ciência geográfica em relação à cultura, não ocorreu de forma comum em todos os lugares, a exemplo disso, foi a tardia aceitação dos geógrafos brasileiros para com a abordagem cultural (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011; CORRÊA, 2001).

Dentre as inúmeras razões pelas quais a Geografia Cultural foi introduzida no Brasil, tardiamente, explica-se pelo fato da Geografia está baseada numa objetividade da realidade. Adotando no final da década de 70 uma perspectiva crítica, calcada em um materialismo histórico, o que deixava a perspectiva cultural de lado, por entender que a mesma fazia uso do senso comum para explicar fatos da realidade. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011; CORRÊA, 2001).

Antes da renovação, pouco era o interesse dos geógrafos em relação à cultura, os quais neste período preocupavam-se com as marcas que a cultura expressava na paisagem ou a noção de gênero de vida. Porém, vale destacar, que apesar de alguns estudos antropológicos destacarem à cultura mental aos

aspectos psicológicos das sociedades, as interpretações que predominava na cultura ainda era numa perspectiva material. Haja vista, que a falta do não uso dos geógrafos com relação ao conhecimento subjetivo tenha levado a pensar numa nova maneira de se construir a Geografia Cultural. (ZANATTA, 2007)

A partir da década de 70 com o surgimento da nova Geografia, a perspectiva cultural é assinalada por um processo de renovação. Abordagem que passou a interessar os geógrafos quando perceberam o quanto eram diversos os efeitos que a ação do homem produzia na superfície terrestre. Muito mais, ainda, quando a geografia passa adotar uma abordagem sistêmica em suas análises. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011; CORRÊA, 2001).

Além disso, esses autores apontam as inúmeras influências pelas quais a renovação da Geografia Cultural passou. Destaque para as contribuições de Sauer e Vidal de La Blache. Houve também a influência das filosofias do significado, principalmente, da fenomenologia, e do denominado materialismo cultural de Raymond Williams. Ademais, Claval (2002) salienta que a renovação é igualmente fruto das transformações do mundo, ligado principalmente aos aspectos materiais da vida.

É importante salientar, segundo Claval (2001) que a partir da modernização da Geografia Cultural, marcada pela Geografia nova. Os geógrafos deixaram de se considerar naturalista. Perceberam que os fatos não poderiam ser explicados unicamente através da perspectiva ligada a natureza, pois o homem, por viver em sociedade cria em relação ao meio, valores e crenças, dos quais só podem ser compreendidos numa dimensão cultural.

Nesse contexto, a Geografia europeia já se ocupava com a dimensão cultural da sociedade, enfatizando como resultado a ação humana, responsável pela alteração da paisagem natural. Portanto, era as relações de um determinado grupo humano e a natureza que determinava essa alteração, o que conseqüentemente produzia cultura.

Antes do processo de renovação da Geografia, a cultura era pensada a partir de uma perspectiva material. Os seres humanos eram considerados produto do meio. Com a renovação, percebeu-se que a mesma deveria ser compreendida por meio de um sistema de representações. Desse modo, Zanatta (2007) ressalta que no sentido antropológico a cultura representa o

modo de vida de uma sociedade, a qual deve ser estudada levando em consideração a produção dos objetos materiais, o sistema cultural e o sistema simbólico.

Para Zanata (2007), como salientado anteriormente, os estudos geográficos adotavam a perspectiva cultural. É importante mencionar que esses estudos tinham passado por várias modificações, das quais só veio fortalecer, ainda, mais as características do termo cultura na Geografia. Diante disso, os novos horizontes, da dimensão geográfica da cultura, foram encontrados na revalorização de características do humanismo. Marcados pela hermenêutica, método do qual está fundamentado na compreensão da singularidade das vivências humanas. Assim temos, que com esse método é possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam as experiências vividas.

Diante dessas abordagens, podemos assegurar que a Geografia Cultural possui similaridade com a Geografia Humanística. É por esta razão, que muitos autores fazem referência a essa perspectiva sem separá-las, pois, os pontos que ambas têm em comum são diversos, dentre eles, a insistência em afirmar que a Geografia está para além da ciência, como ressalta Sauer (1983) *apud* Holzer (2013) a melhor Geografia se faz contemplando as qualidades estéticas da paisagem através do método subjetivo.

Além disso, outro ponto em comum é sua recusa em aceitar os preceitos da Geografia Quantitativa. Tendência que busca imitar as ciências exatas, visto que a mesma é tida como o campo das ciências de maior objetividade, o que vem se tornando, cada vez mais, usual nas ciências sociais. (HOLZER, 2013)

Porém, apesar da objetividade que caracteriza a validação do conhecimento, observa-se um grupo de estudiosos procurando trabalhar os fatos. Correlacionando seus fundamentos por quem os experienciam. Esse embasamento está diretamente ligado à fenomenologia existencial, que segundo Christofolletti (1985) preocupa-se em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, utilizando-se da experiência vivida e adquirida pelo indivíduo.

Nesse contexto, a Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as

maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. (CHISTOFOLETTI, 1985). Nesse sentido, as relações são construções de quem vivencia cotidianamente o lugar.

Como citado, o humanismo apresenta grande importância na estruturação da Geografia Cultural Humanística. Para Tuan (1976) *apud* Holzer (2008) o humanismo seria uma forma adotada com objetivo de compreender os estudos das humanidades na leitura abrangente de temas geográfico, a partir da ampliação da perspectiva cartesiana.

A Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição. A Geografia Humanística não é, desse modo, uma ciência da terra em seu objetivo final. Ela se entrosa com as Humanidades e Ciências Sociais no sentido de que todas compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano (TUAN, 1985, p. 143).

Diante disso, fazer uso das proposições humanística na Geografia não é tarefa fácil, pois muitos autores a interpretam como uma perspectiva não científica. Lowenthal (1967) citado por Holzer (2008) afirma que o problema da ciência geográfica é se preocupar com a natureza do ambiente, ou seja, com o dito “mundo real”.

Portanto, a nova linha de pensamento da Geografia, ligada ao ponto de vista humanístico, busca compreender os temas geográficos de forma totalizante, isto é, incorporando a relação subjetiva do homem e o meio. Dessa forma, Tuan (1985) considera que a Geografia Humanística procura entender o mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza. Mediado, principalmente, pelos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. Vale lembrar que essas relações são construídas a partir de uma representação cultural.

Holzer (2013) salienta que a Geografia Humanista é tributária da Geografia Cultural, particularmente, da obra de Sauer. Além das contribuições desse autor, ênfase para as produções Meinig, Tuan, Relph, Wright, Lowenthal e Dardel que influenciaram na estruturação do humanismo, procurando manter as características culturais e antropocêntricas nesta perspectiva.

1.2 A Geografia Humanista: as abordagens fenomenológicas.

A Geografia que será aqui discutida é aquela que analisa o lugar enquanto experiência de vida, os lugares vividos. É por meio da fenomenologia que essa ciência busca alicerce para compreensão dos fenômenos experienciado pelos homens. Nessa perspectiva, Nogueira (2001) nos coloca que:

A geografia por nós estudada sempre teve como interesse analisar o mundo, embora por um longo período este tenha sido tratado mais enfaticamente nos seus aspectos físicos e mais tarde nos aspectos humanos, onde este humano foi ora tratado como mais um elemento da natureza física, ora enquanto classe social que produz um espaço a partir de suas relações sociais. (NOGUEIRA, p. 18 e 19, 2001)

Nessa pesquisa, trabalharemos o sujeito em sua plenitude, considerando o homem com suas experiências pessoais do lugar, descrevendo quem vive o fenômeno. Assim, temos que:

A perspectiva fenomenológica da Geografia deixa priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, em que estes elementos são percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que os experienciam. [...] Além de fazer uma minuciosa descrição dos fenômenos pesquisados, a fenomenologia busca estudar o mundo vivido, valorizando todas as experiências concretas do homem com este mundo. Para isto, parte do princípio da intencionalidade (Husserl), onde o mundo é incluído na consciência. O mundo passa a existir a partir da inserção do homem nele, como “ser no mundo” (NOGUEIRA, P. 22 e 23, p. 2001).

Embora, a fenomenologia existencial possua fundamentos mais antigos em Kant e Hegel. Foram nas expressões da filosofia de Husserl que se atribuíram os primeiros significados contemporâneos da fenomenologia. Este movimento filosófico foi ampliado e vários autores forneceram elementos importantes, tais como Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre (CHRISTOFOLETTI, 1985).

Rocha (2006) salienta que Husserl procurou estabelecer uma nova forma de pensamento sobre a lógica, cuja base seria as experiências da consciência não interpretadas, tomando como máxima o compreender as coisas em si mesmas, ou seja, por meio de uma fundamentação fenomenológica.

O fundamento das análises da concepção humanística tenta entender como as atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana (Tuan, 1985). Para isso, deve-se levar em consideração o método fenomenológico. Pois, segundo Buttimer (1985, p. 185) “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominadores comuns na experiência dos outros”.

É o homem que constrói cotidianamente sua relação com o que está a sua volta, por meio da cultura ele atribui diversos sentimentos e valores. A fenomenologia opõe-se ao rigor científico, e busca descrever o interior das experiências humanas. Procurando interpretá-lo e compreendê-lo tal como ele se apresenta, pois o sujeito não é apenas o que observa, mas o que vive o fenômeno. Portanto, podemos caracterizá-la como uma ciência do ser.

Todo universo da ciência é constituído sobre o mundo, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual é a expressão segunda. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 19 *apud* NOGUEIRA, 2001, p. 19 e 20).

É importante salientar que não há intenção de discutir a perspectiva filosófica da fenomenologia. Mas, fazer uso de seus fundamentos para compreendermos as categorias de análises dessa pesquisa. Nogueira (2001) nos afirma que a fenomenologia nos dar sustentação para compreender as interpretações dos sujeitos, por ser ela a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência.

Segundo Dartigues (2008) a fenomenologia é a ciência dos fenômenos, baseada no pensamento de Edmundo Husserl, que buscava soluções para a crise da filosofia, bem como das ciências pura e simples. Ele pretendia, através dos fundamentos fenomenológicos, demonstrar a importância que o homem assume para ciência enquanto sujeito que vive o fenômeno, que se manifesta na consciência das experiências vividas. Segundo Dartigues (2008, p.2008), fórmula que Husserl não esquecia, afirmava que “Ninguém pode verdadeiramente duvidar que o estado psíquico que em si mesmo percebe não existe e não existe tal como o percebe”.

Nessa perspectiva, Ribeiro Jr. (1991) assegura que:

A fenomenologia é, assim, uma ciência a priori e universal. A priori, porque descreve essências (isto é, objetos ideais e não empíricos). E universal porque se refere a todas as vivências. [...] A fenomenologia nunca se orienta pelos fatos (externos ou internos), mas pela realidade da consciência, para os objetos enquanto intencionados pela e na consciência, isto é, para aquilo que se manifesta imediatamente na consciência, alcançada por uma intuição, antes de toda reflexão ou juízo: as essências ideais (fenômenos). (RIBEIRO JR., 25, 1991)

Em termos gerais, Buttmer (1985, p. 170) salienta que “a fenomenologia poderia ser definida como um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância”. A experiência do mundo vivido de cada sujeito possibilita conhecer os lugares, e conseqüentemente, traçar as paisagens que são construídas, visto que, são os homens que dão sentidos as coisas.

Diante do que foi mencionado, Husserl tinha na fenomenologia alicerce para a revelação do mundo. Sua preocupação básica não é, portanto com o aparente, mas com a descrição mais completa possível dos fenômenos, pois somente dessa maneira, segundo ele, poderemos atingir, com evidencia e certeza, a própria essência das coisas. (RIBEIRO JR., 1991).

Analisando as características fundamentais da fenomenologia, Ribeiro Jr. (1991, p. 39 e 40) nos aborda as seguintes:

- Uma ciência teórica e rigorosa, isto é, dotada de fundamentos absolutos;
- Uma ciência das significações, marcadas pelas análises perceptivas;
- Uma ciência intuitiva, porque tenta apreender as essências das coisas;
- Uma ciência não objetiva, que se preocupa com os objetos ou fatos individuais enquanto fenômenos.
- Uma ciência das origens e dos primeiros princípios;
- Uma ciência da subjetividade, caracterizada ao retorno das próprias coisas;
- Uma ciência impessoal, assinalada pelos conhecimentos teóricos.

As inserções desses fundamentos fenomenológicos na Geografia partiram dos pressupostos de entender os lugares para além da localização, que até

então, era pensado único e exclusivamente numa dimensão cartográfica, esquecendo que os lugares possuem suas essências, pois são edificadas por quem nele vive.

Pensando numa forma em unir os aspectos subjetivos da espacialidade, Replh propôs desenvolver uma bagagem filosófica, para que, desta forma fosse possível aproximar as bases humanistas na Geografia. “O método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa ao mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade de, reconhecer as “essências” da estrutura perceptiva” (HOLZER, 1997, p. 11 e 12).

Apesar de tudo isso, foi somente em 1952 que a fenomenologia passa a ser vista como princípio norteador do conhecimento geográfico, quando o geógrafo Eric Dardel publica o “Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”. (NOGUEIRA, 2001). Nesta obra, Dardel pensou o homem visto e analisado como sujeito que possui uma ligação íntima com a Terra, que a vive em sua essência, aquele que percebe e representa o seu ambiente terrestre. Portanto, foi através dessa obra que houve a aproximação de fato entre Geografia e fenomenologia.

Diante disso, esse autor é tido como referência no encontro entre os estudos geográficos e fenomenológicos, por ter pensado o caráter existencial que o homem possui com os lugares. Uma geografia do ser, que concebe a associação entre geograficidade, lugar e paisagem.

Por todos esses aspectos, a proposta da pesquisa foi considerar o sujeito enquanto indivíduo que contempla seu mundo de forma individual e subjetiva. Holzer (2008) assinala que os fundamentos fenomenológicos compreende a experiência humana do mundo vivido de cada sujeito, “mundo” esse, carregado de valores. Enfim, busca-se compreender o espaço geográfico, e conseqüentemente a paisagem, como lugar de vida.

1.3 A construção humana da paisagem

Escrever a respeito da paisagem não constitui tarefa fácil, visto que apresenta um leque de definições, conotações e interpretações. Variando conforme a área de conhecimento que se pretende conceituá-la, pois é trabalhada pelas artes, arquitetura, geografia, história, dentre outras. Somente a Geografia, ciência por nós escolhida, apresenta diversas interpretações diante das múltiplas análises geográficas.

Realizar um levantamento teórico da paisagem na Geografia nos faz lembrar a sistematização dessa ciência. Nas abordagens mais remotas, os geógrafos afirmaram ser a geografia a ciência das paisagens (MELO, 2001). Para Dardel (2011, p.30) “a paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre”.

Nessa perspectiva, Sauer(1983) citado por Holzer (1997) assegura que:

[...] em 1925, sugeria que o estudo das paisagens – conceito síntese da Geografia – deveria iniciar-se com o estabelecimento de um sistema crítico delimitado pela fenomenologia da paisagem como método de estudo da relação entre o homem e o meio ambiente por ele formatado e transformado habitat, em paisagem cultural. (SAUER, 1983 *apud* HOLZER, p.08, p.1997)

As primeiras acepções, a respeito da categoria paisagem, implicavam nos relatos dos viajantes, que correspondiam aos ambientes terrestres dos quais percorriam. Esses relatos eram marcados pelas observações que se faziam da natureza, o que era posteriormente retratada através de gravuras. Atualmente, esse conceito é estudado levando-se em consideração os aspectos que considera as séries de transformações ocorridas com essa categoria, uma delas seria, o advento das técnicas, onde a paisagem passa a ser vista e analisada como algo passível de ser apropriado e transformado.

Primeiramente, Claval (2004) ressalta que as primeiras definições, a respeito do conceito de paisagem, faziam referência às pinturas numa perspectiva que contemplasse um fragmento da natureza. Contudo, percebeu-se que estas precisavam incluir em suas observações as distribuições dos homens, suas atividades e obras na superfície da Terra.

Dessa forma, Ratzel delimitou o campo da antropogeografia, da Geografia Humana, que tinha como intuito compreender a influência que o meio ambiente exerce sobre os indivíduos e grupos. Além de avaliar as transformações que a atividade humana provoca no meio ambiente. Por esse motivo, a paisagem deve ser olhada como obra do sujeito. (CLAVAL, 2004).

Visto que a paisagem é obra do sujeito, teremos assim, numa mesma paisagem diversas acepções, pois são caracterizadas segundo a relação que se tem com o lugar. Assim, as apreensões são construídas a partir das percepções dos indivíduos. Portanto:

(...) cada percepção tende a ser seletiva, criativa, fugaz, inexata, generalizada, estereotipada e, justamente porque imprecisa, as impressões parcialmente heterogêneas sobre o mundo em geral sempre são mais convenientes do que os detalhes exatos a propósito de um pequeno segmento do mundo. (LOWENTHAL, 1982 *apud* ROCHA, 2006, p. 29).

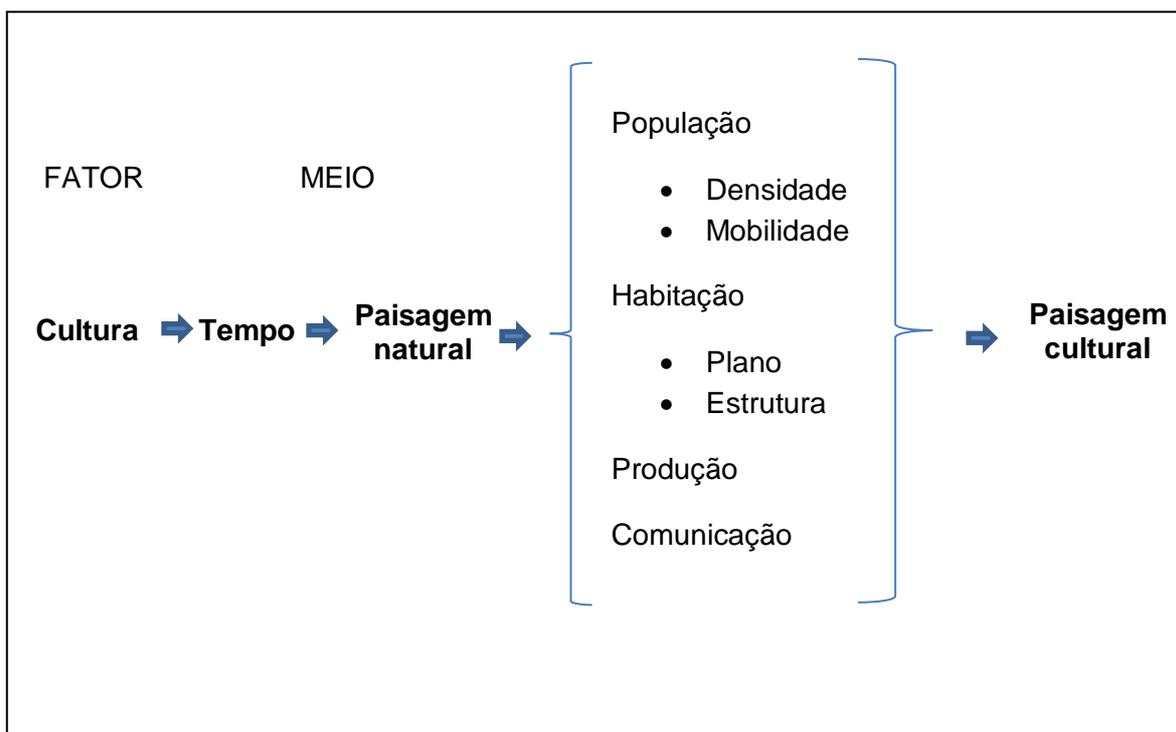
Como assinalado, a percepção de uma dada paisagem é construída tendo em vista as impressões que o homem tem do mundo, as quais são carregadas de simbolismo. Nesse sentido, ele possui relações de identidade com os objetos representados, sendo caracterizados pelas diversidades das coisas. Podemos acompanhar que as impressões descritas sobre as paisagens congregam os elementos de maior grau de identidade para cada sujeito, seja os construídos ou não.

É importante salientar que a paisagem construída pelo sujeito é denominada de paisagem cultural ou humanizada, o qual se contrapõe a paisagem natural. Tradicionalmente, a Geografia faz uso dessas denominações para diferenciar a paisagem estudada por outras ciências.

Nesse caminho, temos que a paisagem natural é caracterizada por apresentar elementos ligados a natureza, isto é, são áreas que abrangem regiões das quais não se observa a presença “humana”. São nesses espaços que incluímos regiões das quais não podem ser habitadas. Sauer (1998) afirma que a forma da paisagem natural é moldada pelo clima; Terra (superfície, solo, drenagem, recurso mineral); mar e litoral; e vegetação, vinculados à noção de tempo e causa.

A paisagem cultural é compreendida como a que contempla a ação do homem, ou seja, as expressões da atividade humana, caracterizado por inúmeras construções, sendo comum tanto na cidade quanto no campo. Sauer (1998) coloca que as formas dessa paisagem são obras dos homens, logo, são as marcas que estes deixam impressos na paisagem. Nessa perspectiva, o esquema abaixo demonstra como isso acontece.

Quadro 01: Esquema de como se constitui a paisagem cultural



Fonte: SAUER, 1998. Org.: Valdelice de Sousa, 2015.

Nesse sentido, Sauer (1998, p.59) ressalta que “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural e por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado”.

Assim, temos que:

A paisagem é ao mesmo tempo, ancorada no solo, modelada pelas transformações naturais e pelo trabalho do homem e, acima de tudo, objeto de um sistema de valores construído historicamente e apreendido diferentemente no tempo e no espaço, pela percepção humana. (LUCHIARI, 2001, p.19)

Nesse contexto, abordaremos algumas considerações a respeito da paisagem cultural, fundamentada na perspectiva fenomenológica. Segundo

Nogueira (2001) essa paisagem prioriza a descrição do mundo físico e humano, sendo descrito pelos sujeitos que os experienciam, os quais procuram destacar o mundo vivido, valorizando todas as experiências concretas do homem com o mundo.

De modo geral, a paisagem vem sendo utilizada desde a formação do planeta. No entanto, foi somente no século XX que passou a agregar uma significação dentro da Geografia, traduzida pela busca entre a interação dos aspectos físicos e humanos.

Durante o período do século XX, o conceito de paisagem recebeu diversas definições, muito deles numa mesma corrente de pensamento. Houve também momentos de questionamentos em relação a sua cientificidade, por ser muito utilizada pelo senso comum (MELLO, 2001).

Como ressaltado, a paisagem é uma categoria muito usual em diferentes abordagens geográficas, porém, muitos a utilizam de forma superficial, deixando de lado sua verdadeira essência. Para que possamos entendê-la em sua completude, optamos em traçar contribuições teóricas a partir da perspectiva cultural humanística, que procura entender como os indivíduos constroem as paisagens a partir de uma relação existencial com os lugares.

Dentre os temas pelos quais passaram a ser discutidos ao longo do século XX. Ênfase para paisagem, que segundo Mello (2001) foi um dos primeiros temas a ser abordado numa perspectiva cultural pelos geógrafos alemães. Sendo, posteriormente, incorporado por outros estudiosos da Geografia Cultural.

Portanto, a paisagem passou a ser o conceito de grande singularidade para a Geografia, tanto que ao fazer referência a concepção de paisagem nessa ciência é associá-la as primeiras análises de Sauer. Por este motivo, é impossível falar de paisagem sem citar os aportes teóricos desse autor.

Dentre as contribuições de Carl Sauer, podemos citar sua célebre obra "A Morfologia da Paisagem", que abarca a valorização do mundo vivido, baseada numa visão fenomenológica da ciência. Buttimer (1985) aponta que a atitude fenomenológica é expressa pelas evidências dos próprios fatos e de uma investigação da própria consciência.

Um dos conceitos considerados essenciais para a ciência geográfica é o termo paisagem, pois nos remete para o “mundo”, que segundo Tuan (1965) citado por Holzer (1997) “é um campo que se estrutura na relação do eu com o outro, o reino onde ocorre a nossa história, onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos” (HOLZER, 1997, p.82). Compreende-se então que a paisagem é a imagem de quem vive o lugar.

Sauer (1998) afirma que a paisagem é caracterizada pela observação de cenas individuais, logo apresenta identidade própria, existindo ainda uma relação com outras paisagens. Ainda nas palavras desse autor, a paisagem é considerada como tendo uma qualidade orgânica, articulando tanto as características físicas quanto culturais.

Para Cosgrove (1998) a paisagem é uma maneira de ver o mundo, expresso também através de uma cena, sendo definido como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa. Vale acrescentar, que as paisagens simbólicas são compreendidas pelos significados que os lugares e as paisagens possuem, expressam e evocam.

Dardel (2011) aborda que a paisagem possui uma carga de afetividade. É um ambiente vivido, caracterizado por uma ligação interna, que une todos os elementos geográficos, como a planície, o solo, a vegetação, o céu de inverno, as distâncias e as direções. Por tudo isso, a paisagem é constantemente modificada por esses elementos, podendo se compor e recompor inúmeras vezes.

Luchiari (2001) salienta que a paisagem é uma representação que não se esgota, pois se reproduz, renova-se, regenera-se, tais quais as sociedades. Apesar disso, Bonnemaïson (2002) afirma ser a paisagem o reflexo da sociedade. Por essa razão, as paisagens sempre estarão em processo de desenvolvimento, visto que o homem ocupa os lugares com intuito de alterá-los para melhor viver nesses ambientes.

Por fim, temos que a paisagem nas análises da Geografia Cultural Humanística é distinguida por apresentar uma carga simbólica, por ser representada a partir do sentido que a sociedade dar ao meio. Com isso, uma única paisagem possui diferentes sentidos para os indivíduos que as

contemplam. Ela pode representar um ambiente de refúgio, tranquilidade, beleza, paz e morada; para outros, significam medo, tristeza, feiura e angústia.

Desta forma, todas essas concepções são construídas a partir das relações existenciais que os homens estabelecem com os lugares. É o que o geógrafo Dardel (2011) evidencia em sua obra “O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”. O autor destaca que o mundo deve ser conhecido geograficamente e que o homem sinta-se ligado a Terra.

Para isso, a cultura exerce importante papel. Pensando a Geografia a partir de seu objeto de estudo que é compreender as relações socioespaciais. Podemos afirmar que, diante das diversas maneiras assumidas por essa ciência para explicar esses processos, a abordagem cultural ganha grande destaque.

Segundo Bonnemaïson (2002) a perspectiva Cultural na Geografia caracteriza-se pela relação que une os homens aos lugares. Relação essa que sofre variação de acordo com as civilizações e as épocas. Portanto, temos que em diferentes momentos as paisagens assumem “novos” sentidos.

Assim, Bonnemaïson (2002, p.110) ressalta que “a cultura engloba o vivido, ao mesmo tempo em que o transcende”. Vai além do horizonte cotidiano, originando-se da sensibilidade e da busca de significações. Mediante a isso o mesmo autor assegura que,

[...] a cultura é apreendida “no solo” como um feixe de valores amarrados no espaço-território. O que significa dizer, falando geograficamente, que não podem existir grupos coerentes, nem de etnia e talvez nem mesmo de cultura, sem um território portador. Inversamente, os territórios, os lugares e a paisagem não podem ser compreendidos senão em referência ao universo cultural. (BONNEMAISON, 2002, p.110)

Os fundamentos teóricos mencionados são de grande importância para compreendermos o significado de paisagem, é o que Claval (2002, p.37) apresenta quando afirma que “definir uma cultura significa apreciar, na paisagem, o conjunto das modificações que o homem trouxe para o meio ambiente”.

Para Côrrea e Rosendahl (2011) a cultura classifica os seres humanos em grupos definidos, de acordo com as características comuns e também com a área que ocupam. Destarte, os homens que habitam esse espaço comum, comunicam-se por meio de símbolos.

Segundo Claval (2002) a cultura é expressa por meio das paisagens, sendo transferido de uma geração para outra, os saberes, as crenças, os sonhos e as atitudes sociais. A paisagem carrega a marca das culturas que a formaram. Consequentemente, a paisagem é ao mesmo tempo “o prolongamento e o reflexo de uma sociedade, e um ponto de apoio oferecido aos indivíduos para se pensar na diferença com outras paisagens e outras sociedades” (SAUTTER, 1979 *apud* BONNEMAISON, 2002).

Para Côrrea e Rosendahl (2011) qualquer sinal da ação humana numa paisagem implica uma cultura, demanda uma história e exige uma interpretação ecológica. Nesse sentido, Claval (2002) menciona que:

A cultura assim compreendida é feita de elementos que a atividade humana inscreve de maneira visível no ambiente. Ela engloba as construções, estradas, campos, aterros, cercas e culturas. Na superfície, o impacto do homem é marcado, sobretudo por sua ação sobre a vegetação e a fauna. (CLAVAL, 2002, p. 137)

Vale considerar que a ação humana sobre a paisagem marca sua história, logo a sua cultura, das quais são expressas por meio de sistemas de representações do cotidiano. É através dessas representações que as paisagens ganham vida, por serem elas as imagens dos homens.

Por tudo isso, é que a paisagem nas análises da Geografia Cultural Humanística deve ser estudada, pois além de entender quem são os sujeitos que as formam, é possível compreender as representações expressas de cada ambiente vivido. Portanto, é diante dos aportes fornecidos pela fenomenologia que descreveremos a experiência humana do espaço, no sentido de captar toda a essência da paisagem. Além disso, é com base nesse enfoque teórico que olharemos as paisagens construídas na Ponta Negra ao longo da sua história de ocupação humana.

1.4 Paisagem e lugar: as experiências vividas.

De acordo com Tuan (1983) a experiência abrange as diversas formas que uma pessoa conhece e constrói a realidade, das quais variam desde os sentidos mais diretos e passivos até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

A experiência do espaço vivido consiste na relação do homem com o lugar, o qual atribui relações de valores, constituída de sentimento e pensamentos. Diante dessa relação, podemos afirmar que é revelado em cada sujeito uma geograficidade:

Geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial. (DARDEL, 1990, p. 42 *apud* NOGUEIRA, 2001, p. 24)

Em vista dos argumentos apresentados, entende-se o homem enquanto ser, e o mundo como lugar de vida de cada ser. Assim, diante de uma geografia fenomenológica será possível compreender o lugar a partir da percepção de quem nele vive. Nesse sentido, a vivência faz com que o homem construa uma relação existencial com os lugares.

Essa relação existencial é caracterizada pela descrição do mundo vivido, o qual fundamenta a compreensão da realidade. Dessa forma, podemos afirmar que quem vive diariamente com os elementos que compõe a Ponta Negra, tem dela uma experiência de vida. Sabe onde ficavam e ficam determinadas barracas, quando era possível ou não fazer uso da praia. Quem era o novo ou antigo comerciante no local, em que período o local era mais frequentado. Dessa perspectiva, há uma relação intersubjetiva com o lugar, isto é, as experiências pessoais de cada sujeito são consideradas, com objetivo de construir a representação coletiva do lugar.

O homem enquanto sujeito, tem do lugar uma experiência própria, uma experiência de vida, por consequência, as percepções são únicas, pois mesmo que nas descrições dos lugares existam características similares com as de outras pessoas, nunca serão iguais. Visto que, a percepção que cada ser humano tem do mundo é construída segundo sua história de vida, sua idade, o

tipo de profissão, bem como a relação de pertencimento que exerce sobre o lugar.

Dessa maneira, compreender o termo percepção é necessário para que possamos adentrar ao mundo vivido do sujeito e a partir do processo perceptivo, descobrir as relações que os unem aos lugares. Del Rio (1999) ressalta que a percepção é um processo mental de interação do indivíduo com o ambiente, que se dá por meio de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos.

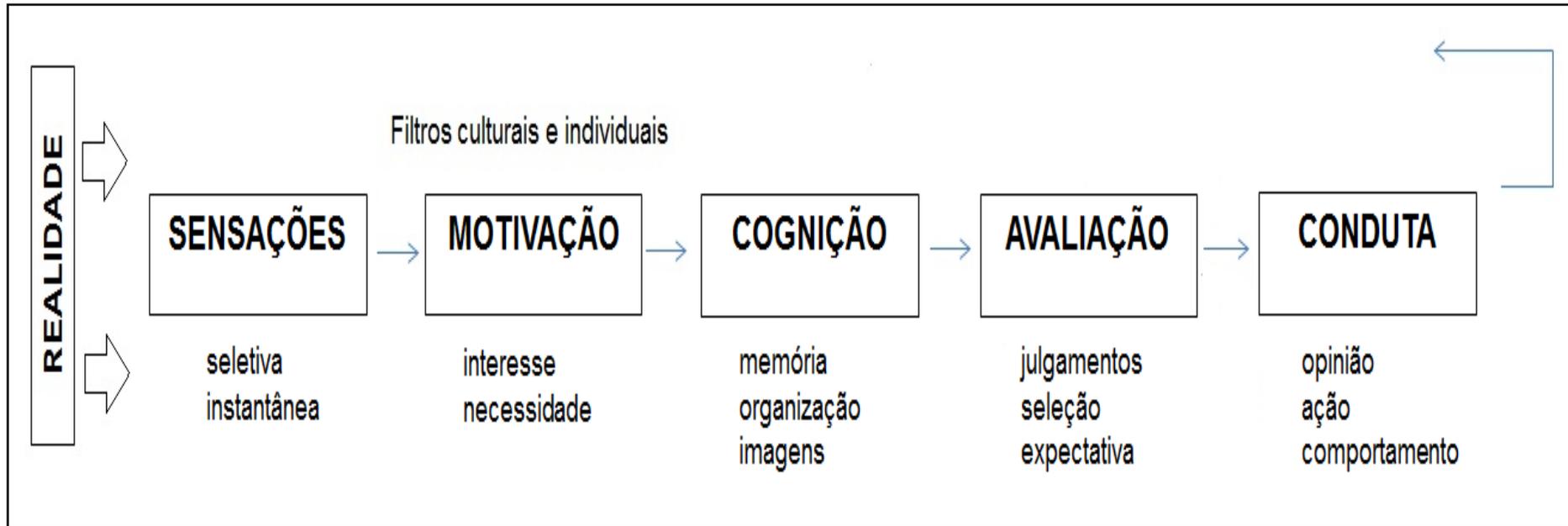
Para Tuan, a percepção é :

[...] tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizados na cultura. [...] (TUAN, 2012, p. 18)

Vale lembrar, que os relatos das realidades percebidas sofrem diversas influências, especificamente dos sentidos sensoriais, pois através deles, os seres humanos recebem uma grande quantidade de informações sobre o lugar. Informações essas, que apresentam seletividade durante as etapas da vida humana, por exemplo, os elementos de uma determinada paisagem quando descrito na infância. Não será mais a mesma quando realizada na fase adulta, não somente em função das mudanças que a paisagem apresenta, mas, principalmente pela maneira como passamos a perceber os lugares a partir das experiências adquiridas ao longo da vida.

Em resumo, o quadro 02, mostra todo o processo perceptível, que segundo Rio (1999) nossa mente organiza e representa as realidades percebidas por meio de sistemas perceptivos e imagens mentais, com atributos específicos construídos por cada sujeito.

Quadro 02: Esquema teórico do processo perceptivo



Fonte: Vicente Del Rio, 1999. Org.: Valdelice de Sousa, 2015.

Diante do esquema, podemos afirmar que a paisagem é fruto dos laços culturais, que é percebida não somente pela visão, mas por meio de todos os sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão). Os estabelecimentos de todos os sentidos no processo perceptivo permitirão o fornecimento de uma grande quantidade de informações sobre o mundo vivido. E por consequência, a elaboração de uma leitura concreta da paisagem.

Uma pessoa que simplesmente vê é um expectador, um observador, um alguém que não está envolvido com a cena. O mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós por meio dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas. (TUAN, 2012, p.28).

Segundo Nogueira (1994) cada ator social constrói uma imagem diferente do espaço, representação essa, revelada por meio de sua experiência de vida, o espaço vivido, que também é concreto, pois são analisados por homens concretos, sujeitos inseridos no tempo e no espaço, sujeitos histórico-espaciais. Desse modo, o espaço vivido compreende o espaço percebido, do qual é caracterizado pelas fases do espaço mental.

Os sentidos humanos, como salientados, apresentam grande importância no processo perceptivo, pois, apesar de apresentarem traços comuns nas percepções, não serão iguais. Ao representar o lugar, os órgãos são ativados, conforme as vivências e experiências de cada ser, diante disso, “[...] a maioria das pessoas fazem uso dos cinco sentidos, que se reforçam mútua e constantemente para fornecer o mundo em que vivemos intrinsecamente ordenado e carregado de emoções [...]” (TUAN, 1983, p.13).

O lugar, enquanto espaço de vida, assume um caráter simbólico, sendo ligado através dos sentimentos que une o homem a Terra. Possuindo particularidades, conferida por quem o experiencia. É importante compreendermos que o lugar é a base para estruturação da paisagem, traçado por meio das vivências construídas. Nesse caminho, a paisagem é entendida como as experiências vividas que o homem expressa nos lugares.

O conhecimento adquirido do lugar, só é possível através dos laços culturais, no qual, o homem é capaz de conhecer e conceber o lugar, atribuindo-lhe valores e significados. Nesse contexto, Claval (2014, p. 22) ressalta que: “A cultura é constituída de realidades e dos signos criados para

descrevê-las, dominá-las e verbalizá-las. Carrega-se, assim, de uma dimensão simbólica”.

A paisagem aqui estudada não se restringe, exclusivamente, a perspectiva da materialidade (cultura como marcas do ser humano no espaço). Mas, principalmente como expressão da mente humana, seja de um grupo ou de um único indivíduo que possui uma relação identitária do lugar, que por meio da criação dos símbolos se comunicam entre si.

Diante disso, o grupo do corpo de bombeiros que vivencia cotidianamente a paisagem da Ponta Negra criou um código entre eles para identificar a ocorrência dos acidentes em toda a orla, segundo relato do entrevistado (01) (um dos comandantes da corporação dessa localidade) são utilizadas as divisões em zonas, para designar cada parte da orla, caracterizando a área de maior fluxo, de zona leste, e a de médio fluxo, de zona norte e a de fluxo quase negativo, de zona sul, para eles, esses códigos, agilizam o resgate das vítimas, bem como evitam que algo de pior aconteça. Nessa perspectiva, ele descreve que:

Daquela parte dali pra lá, a gente chamamos de zona leste, porque lá que fica o povão, nós batizamos de zona leste, porque lá que fica o povão. Quando se fala em zona leste, ocorrência na ZL, a gente já sabe onde que é, naquele povão, naquele meio ali, é lá onde fica o povão. E a zona sul é onde fica quase ninguém. (entrevistado 01, 2015.)

Em virtude do que foi mencionado, isso nos faz lembrar, as análises de Claval (2014, p.74), quando menciona que “cada cultura estabelece códigos que lhe são próprios. Passar de um a outro implica um aprendizado ou a intervenção de intermediários que assegurem a tradução”. As interpretações do lugar são qualificadas por símbolos sociais, sendo unificados pelo comportamento do grupo que o habita.

Os códigos dominados permitem classificar e nomear os seres e as plantas, os artefatos e os homens, e apreender a maneira como são combinados ou se encontram ligados por razões fisionômicas ou genealógicas. Permitem também organizar a experiência, apreender as regularidades e as relações de sucessão e casualidade, moldar os utensílios e estruturar as relações entre as pessoas. (CLAVAL, 2014, p.94)

Os códigos são referências utilizadas para dar singularidade aos lugares, e assim caracterizar a paisagem, essas identificações somente são

compreendidas por aqueles que compartilham das sensações e valoração atribuídas ao lugar.

Os sujeitos da pesquisa que frequentam a Ponta Negra por mais tempo, identificaram o rio como elemento de maior simbologia na paisagem. Para eles, falar da Ponta Negra, e não mencionar a praia e o rio não é Ponta Negra. Ainda nas palavras dos entrevistados, esses dois símbolos são vistos como algo que transmite tranquilidade e paz, contemplar sua beleza é uma verdadeira terapia.

Os estudos geográficos demonstram que o homem sempre teve a necessidade de atribuir particularidades as coisas que o cercam, atributos esses, ligados, sobretudo aos aspectos da natureza, por ser o meio natural base para as transformações realizadas. Esse simbolismo que caracteriza a paisagem é entendido como a maneira que o homem ler e constrói seus significados. Dessa forma, Corrêa (2007, p. 07) assinala que “as formas simbólicas são representações da realidade, resultantes do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre pessoas de um mesmo grupo cultural”.

Vale lembrar, como citado, que a experiência de mundo é construída de acordo com a capacidade cognitiva dos seres humanos, o que contribui para as apreensões heterogêneas da paisagem que o rodeia. Assim temos que, o mesmo indivíduo pode apresentar diversos atributos no decorrer de sua relação com a paisagem. Em síntese, o homem registra por meio da subjetividade sua ligação direta na compreensão da paisagem. Portanto, nunca possuiremos as mesmas impressões de uma paisagem, pois cada ser humano a interpreta segundo os conceitos adquiridos ao longo de sua existência.

Por tudo isso, as paisagens são resultados da ação da cultura, manifestado através das experiências que une o homem a Terra, as quais apresentam significados, expresso numa dimensão simbólica. Com base nas análises de Dardel (2011) o homem apenas toma consciência disso tudo quando expressa a própria experiência geográfica do ser-e-estar-no-mundo.

A associação da geograficidade, lugar e paisagem como essência do ser-e-estar-no-mundo, sendo este mundo, compreendido como lugar de vida, tendo o seu entendimento estabelecido a partir da percepção de quem o vive.

A paisagem, nesse sentido, seria a representação dada através das experiências do lugar. Por esse motivo, deve ser apreendida para além da visibilidade, pois ela é essência de quem a vive cotidianamente. (DARDEL, 2011).

É na relação intersubjetiva que o lugar é construído, e conseqüentemente a paisagem. Buttimer (1985) nos coloca que “as pessoas nascem dentro de um mundo intersubjetivo, isto é, aprendemos a linguagem e os estilos de comportamento social que nos habilitam a engajarmo-nos no mundo diário”. Ela congrega o que são herdados durante a vida diária, concebendo desta maneira, diferentes paisagens de um mesmo ambiente.

A cada descrição da paisagem, observamos o quanto são particulares suas apreciações, pois para cada elemento citado, uma história única, que são modificadas conforme a cultura. Os seres humanos a interpretam segundo uma dimensão experimental, por esse motivo, quando uma paisagem é descrita por alguém que não acompanhou o processo de sua mudança, suas análises perceptivas contemplará o que se configura na atualidade. No entanto, para o sujeito que apresenta uma historicidade com o lugar, irá interpretá-la buscando referências no passado.

Para quem passou a fazer uso da Ponta Negra com mais frequência após a reforma, a paisagem representa um lugar de tranquilidade e segurança. Os sujeitos da chamada “nova” Ponta Negra, especificamente, os que frequentam o calçadão, afirmaram que o lugar se tornou familiar, porque antes, não havia possibilidade de realizar passeios com família, uma vez que era dominado por bares, ficando inviável a execução de qualquer recreação com os filhos.

Vale ressaltar, que dois dos sujeitos entrevistados, não moradores de Manaus, apontaram a Ponta Negra como lugar de passagem obrigatória, pois toda vez que vem a Manaus, procuram passear no local para admirar sua beleza. Assim, o entrevistado (02), que veio de Curitiba, ressaltou que “a Ponta Negra é um lugar que representa muito, não só para os manauaras; aqui é um lugar gostoso e interessante”. O outro, que veio da Inglaterra, destacou a praia e o rio como um dos elementos mais bonito. Afirmando que “acho

estúpido vim aqui e não pisar na praia, a praia é a parte mais importante” (entrevistado 03, 2015).

Diante do descrito, Tuan (2012) nos alerta que:

Em nossa sociedade de alta mobilidade, as impressões fugazes das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas. Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. (TUAN, 2012, p. 96)

Já os nativos, que possuem uma relação histórica com o lugar, nem hesitaram, e responderam que hoje, ela está mais bonita, mas que sentem saudades de coisas que hoje não existem mais. Ao adentrar ao mundo vivido desses sujeitos foi possível constatar que pensar nas transformações que a orla da Ponta Negra passou durante esses últimos anos é resgatar de certa forma as lembranças de um lugar jamais esquecido, marcado pelas relações de afeto que representam a paisagem descrita.

O ser humano percebe e concebe a paisagem nas relações diárias experienciada no lugar. É o homem que organiza, seleciona, apreende e dá significado aos elementos que a compõe. Assim, temos que o mundo explorado por esses indivíduos são sólidos, pois são representados levando-se em consideração todas as realidades vivenciadas.

As experiências, adquiridas pelos seres humanos, indicam que cada elemento do lugar possui uma significação particular, pois as relações que os indivíduos acabam estabelecendo com o mundo diariamente nunca serão iguais ao que o outro experiencia. Tão pouco a produção do conhecimento dessa paisagem.

A paisagem é uma dimensão do espaço carregada de significados. Representa as atividades humanas diárias desenvolvidas no lugar ao longo do tempo. Ela é percebida numa mediação entre o homem e a terra, e é no intersubjetivo que as realidades são construídas. Portanto, a paisagem exerce um importante papel na constituição das identidades dos grupos sociais, atribuídas segundo as suas existências e experiências conferidas ao espaço. A paisagem contém, ainda, múltiplos territórios e territorialidades, os quais refletem na perspectiva existencial dos indivíduos que habita os lugares.

1.5 Paisagem e território: a construção das territorialidades.

Toda paisagem apresenta um território e conseqüentemente marcado por uma territorialidade, onde os homens dão sentido a cada espaço desse lugar. Portanto, procuramos entender como são construídos os territórios e as territorialidades que fazem parte do Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra.

Os estudos relacionados ao conceito de território nos remetem as inúmeras abordagens ao longo da história. Introduzido inicialmente na Alemanha, no século XIX pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel, sendo definido e delimitado primeiramente pelas relações de poder.

Ao fazer referência ao território, estamos adentrando aos fundamentos que conduz a construção da territorialidade. Os conceitos de território e territorialidade são temas centrais para a geografia por caracterizarem a espacialidade humana, por esses motivos temos inúmeras análises na tentativa de apresentar suas definições. Muitos teóricos, os abordam numa perspectiva unicamente de poder, porém as atuais análises buscam vincular a ideia de identidade para a compreensão do termo território e conseqüentemente de territorialidade.

O território não é precisamente fechado, no entanto a demarcação é criada a partir de símbolos que identificam os grupos. O que de certa forma, caracterizam a defesa desses lugares, onde o território se constrói como um sistema e um símbolo, ou seja, o espaço social e o espaço vivenciado. O primeiro referindo-se a organização e a produção, o segundo concebendo a ideia de significação e de relação simbólica (BONNEMAISON, 2002).

Vale lembrar que o primeiro reflexo dessa relação é vista a partir da paisagem, sendo, tudo isso estabelecido pelas características culturais que o território apresenta. Portanto, “é pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço.” (BONNEMAISON, p. 101 e 103, 2002).

Dentre as diversas funcionalidades que o território apresenta, Bonnemaïson (2002) destaca a ordem política e cultural, a primeira está ligada a ideia de segurança, e a segunda associada ao caráter identitário. Essas

funções de certa forma dão sentido existencial que une os homens aos lugares, os quais compartilham laços de afetividade.

Para Haesbaert (2009) a origem e a evolução da palavra território apresentaram diversas controvérsias, contudo, esse autor propôs dois sentidos largamente difundidos: o primeiro, refere-se ao território como materialidade associado à terra, e o segundo, referindo-se aos sentimentos que o território inspira.

É importante salientar que os primeiros fundamentos conceituais de território e territorialidade deram-se no campo da etologia, que buscava compreender o comportamento animal diante das relações que estabeleciam com o meio. Na verdade, Haesbaert (2009) considera que ao longo dos séculos XIX e XX, os debates sobre territorialidades na Biologia e nas ciências sociais correram de forma paralela, inter cruzando-se em alguns momentos, seja no sentido de fazer valer os paradigmas da territorialidade animal sobre a humana, seja para fazer prevalecer o sentido social e humano da territorialidade.

Bonnemaison (2002) e Raffestin (1993) abordam que a noção de territorialidade iniciou-se através de estudos sobre o comportamento animal frente a posse de um território e defesa deste contra a invasão, do qual apresenta-se num ambiente demarcado pelos membros de sua própria espécie. Introduzindo esse estudo na territorialidade humana, temos que suas abordagens adotam as relações com o espaço ou território. Porém, Raffestin (1993) ressalta que é importante que se deixe de lado as analogias animais ao se tratar da territorialidade humana, por está inscrita na produção da troca e do consumo das coisas, sendo mediatizadas pelas afinidades.

Para as sociedades humanas a territorialidade é entendida para além da manutenção da vida, pois abarca a relação social e cultural que é estabelecida com os lugares e itinerários que constituem seu território. Assim, temos que:

A análise geocultural não pode se descuidar desses dois aspectos complementares, nem separá-los. O território é, ao mesmo tempo, “espaço social” e “espaço cultural”: ele está associado tanto à função social quanto à função simbólica. (BONNEMAISON, 2002, p. 103).

De acordo com Raffestin (1993), a territorialidade reflete uma multidimensionalidade do vivido pelos membros de uma coletividade, estabelecida por intermédio de relações existenciais e/ou produtivas, sendo que, independentemente das relações existenciais ou produtivas existentes, todas são caracterizadas enquanto relações de poder, as quais são definidas pela interação entre os atores.

Concebendo a ideia de território, Haesbaert (2009) o compreende segundo as perspectivas materialistas, idealistas e integradoras. Nesse contexto, é importante ressaltar a perspectiva idealista, pois diante dessa concepção, o território é entendido a partir da ideia de pertencimento, sendo compreendido por meio dos códigos culturais de um determinado grupo.

Garcia (1976) *apud* Haesbaert (2009) ressalta que o território é “socializado e culturalizado”, pois tudo ao redor do homem é dotado de algum significado. Para Bonnemaïson e Cambrèzy (1996) citado por Haesbaert (2009) o território não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser. Dessa forma, podemos afirmar que mediante ao poder dos laços territoriais, dotado de simbolismo, o homem constrói suas territorialidades.

Vale mencionar que a territorialidade se origina a partir do sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo, o qual é suscetível de variações no tempo. Logo, o que representa uma satisfação para uma sociedade, num determinado momento, pode não mais possuir a mesma satisfação para o grupo, pois as territorialidades são caracterizadas em estáveis ou instáveis. (RAFFESTIN, 1993). Essa instabilidade verifica-se ao longo do Parque Ponta Negra, onde muitos deixaram de frequentar a área, por considerarem que o lugar mudou muito do que era antigamente.

Para Sack (1986) a territorialidade está intimamente relacionada em como as pessoas usam a terra e como elas se organizam no espaço, e como os indivíduos dão sentido ao lugar. O uso do termo território é socialmente construído e seu reflexo é fruto de quem está dominando e para quais propósitos. Portanto, o controle do acesso não se dar somente através de estruturas físicas, tais como: uma cerca ou um muro, mas um simples sinal pode caracterizar o poder sobre uma determinada área, ou seja, determinar a territorialidade de um determinado grupo.

O simples sinal é identificado pelos membros do grupo, bem como os que não fazem parte dele, sendo identificado através das vestimentas, dos instrumentos, da forma de se comportar, de falar, dos códigos criados, entre outras formas.

Nesse contexto, podemos afirmar que o Parque Ponta Negra apresenta diversas territorialidades, sendo organizada segundo um controle de uso. Na parte próxima a orla, tem-se os comerciantes das barracas, que apresentam certa padronização nos estabelecimentos e normas para venderem suas mercadorias. Cumpre destacar, que essa padronização imposta, será mais bem discutida, no capítulo 03 deste trabalho.

Diante, das “normas” estabelecidas um dos comerciantes relata que:

Com eles aqui não podemos vender salgado, refeição quente, só podemos vender refrigerante, água e cerveja. Aqui é padrão. Todo mundo tem que vender tudo igual. (entrevistado 03, 2015)

Esse controle de área verifica-se também nos que frequenta o lugar. Segundo alguns entrevistados, as maiores frequências são de grupos, como: os rockeiros, os evangélicos, os ciclistas, os skatistas e o grupo do vôlei. Assim, nos relata o entrevistado (04) “as áreas aqui é bem dividida, o pessoal do rock fica mais pra lá, na parte dos skatistas. A área dos evangélicos é a parte do gramado. E o público em geral, para cá. E em baixo tem bastante comerciante” (entrevistado 04, 2014).

Esse simples sinal mencionado por Sack, pode ser entendido por meio das análises de Souza (2009), ao caracterizar o território da prostituição ou do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, onde grupos se identificam por meio de determinados códigos, os quais são controlados simplesmente por uma característica de identidade.

A territorialidade é uma construção dos sujeitos, então a identidade espacial se manifesta como um sentimento topofílico. Por consequência, o território é construído a partir de símbolos, os quais identificam os grupos que territorializam esses lugares. Bonnemaïson (2002) afirma que o território é ao mesmo tempo raiz e cultura. Portanto, a territorialidade é a expressão de um comportamento vivido.

É importante salientar que todo território é enraizado por uma cultura, porque se estabelecem relações de pertencimentos e sentimentos. O grau das relações varia conforme o tempo de permanência nesses lugares, quando as territorialidades começam ser reconhecidas, têm-se então, instrumentos de defesas compreendidos nessa área.

Assim, foi tendo, principalmente as noções de Bonnemaison que se procurou entender a paisagem, e conseqüentemente compreender as territorialidades que se formam, pois a paisagem de um lugar apresenta diversos registros de territorialidades, as quais são construídas numa relação sociocultural. De tal modo, que quando ocorrem alterações na paisagem, ocasionam em alguns casos, mudanças na funcionalidade daquele lugar, e com o tempo, o aparecimento de novas territorialidades e novos significados.

As mudanças vivenciadas, assim como os novos significados que passam a ser atribuídos nas paisagens, são observadas nas falas dos sujeitos da pesquisa, que atribuem ao lugar uma característica de familiaridade, que para eles até então não existia.

Antigamente, a tínhamos um lugar para lazer que era totalmente descuidado, os caminhos e trilhas que permitiam chegar a orla eram em meio a árvores e capim, trazendo risco a todos aqueles que tentavam passar. Mendigos e moradores de rua dividiam espaços por baixo de escadas e em meio as passarelas que a prefeitura havia construído. Bares que existiam ali não eram nada agradáveis e, além disso, possuíam pouca higiene na manipulação de alimentos e bebidas, não podemos esquecer que a limpeza do local também era realizada de forma precária, vale lembrar também que nestes mesmos estabelecimentos era onde ocorriam com mais frequência todas as formas de discussões e intrigas. Essas formas de ambientes todas faziam parte da Ponta Negra, a qual possuía um ambiente nada familiar (entrevistado 05, 2015).

Outro entrevistado, este ambulante do local, aborda que:

Hoje a Ponta Negra é diferente de antigamente, antes não era um ambiente familiar, hoje a Ponta Negra é um ambiente familiar, dar para passear com a família. Antes era cheio de barzinho, muita briga, hoje é um ambiente familiar, ficou melhor, mas tranquilo, bastante segurança. (entrevistado 04, 2014)

Por conseqüência, as paisagens passam por uma ressignificação das experiências, representadas pelas relações vividas com o lugar. Em outras palavras, as transformações das paisagens, apresentam as ressignificações que expressam diferentes momentos pelos quais os sujeitos vivenciam e

vivenciaram na paisagem do Parque Cultural Esporte e Lazer Ponta Negra. Passando a atribuir novos significados frente às modificações ocorridas ao longo dos anos, constituindo assim, outras territorialidades que se materializam nas paisagens.

A paisagem é o registro das relações vividas de um povo. Com isso encontramos por meio dela, as territorialidades, haja vista, que as interações são estabelecidas a partir das formas e normas de expressões do grupo que dão sentido aos lugares.

Por esse motivo que no segundo capítulo, buscou-se compreender mais especificamente as paisagens da Ponta Negra. Porém, realizamos uma pausa inicial e começamos pensando a Ponta Negra a partir das paisagens simbólicas da cidade de Manaus, com o objetivo de demonstrar qual o significado da Ponta Negra para cidade. Diante das outras imagens simbólicas que se tem de Manaus.

É importante ressaltar que as discussões a respeito da paisagem da cidade partiram-se da área central, especificamente, entorno do Teatro Amazonas. Por ser o local, segundo os entrevistados o elemento marcante da cidade, mas que atualmente, a Ponta Negra ganha visibilidade para quem visita Manaus.

Além disso, não podemos esquecer que as “belezas” arquitetônicas da cidade caracterizam não somente uma parte da história de Manaus, mas principalmente, representam a paisagem dessa cidade. Portanto, podemos concluir que a paisagem é visualizada por meio da construção simbólica.

CAPÍTULO 02 – Do Teatro a Ponta Negra

“A cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo”. (TUAN, 1983, p. 191)

2.1 – A Paisagem da cidade: os diferentes momentos.

Antes de caracterizar a paisagem do Parque Ponta Negra, teceremos algumas características peculiares da cidade de Manaus, para fins de contextualização.

Manaus tem como referência principal o suntuoso Teatro Amazonas, sendo este o ponto turístico mais lembrado por todos. A partir disso, apresentaremos alguns pontos peculiares presentes na paisagem dessa cidade.

Como capital do Amazonas, Manaus é um dos municípios brasileiros de grande destaque econômico da Região Norte. Está localizada no centro da maior floresta tropical do Mundo, situando-se ainda na confluência do Rio Negro e Solimões, sendo também, conhecido pela relação que os ribeirinhos estabelecem com as águas.

Relatar a respeito da paisagem urbana de Manaus, nos conduz a pensá-la em uma relação de associação com a natureza, algo que é peculiar à cidade dos trópicos, que apesar de profundamente modificada em seu conjunto arquitetônico e na infraestrutura, comporta a floresta, os rios e o relevo, embora alterado pelo homem. O sítio urbano modificou-se, a posição de Manaus não é mais a mesma, tudo mudou, mas principalmente a cultura, a partir da transformação de hábitos e costumes (OLIVEIRA, 2003).

Portanto, deve-se perceber que várias foram as paisagens criadas e recriadas ao longo da história da cidade de Manaus. Apesar disso, Carlos (1994) citado por Oliveira (2003) ressalta que a paisagem não é só produto da História, ela reproduz a História, bem como a concepção do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber, enfim, do viver.

O modo de viver de uma sociedade cidadina está ligado, sobretudo, às relações existenciais dos homens com a cidade, sendo estabelecidas a partir das relações culturais que os homens possuem com os lugares, os quais são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com tudo que constituem os elementos da cidade de Manaus.

Dentre os períodos econômicos que deixaram marcas na paisagem da cidade, destaque para o período áureo da borracha e da Zona Franca de Manaus, por terem deixado evidências no cotidiano dos habitantes. Além disso, tendo por base as questões econômicas, os sujeitos estruturavam a imagem da cidade, descrevendo o que cada período deixou configurado na paisagem.

Nesse contexto, abordaremos a seguir algumas argumentações sobre esses dois períodos na História da cidade de Manaus, apresentando as características que foram importantes para o que atualmente se configura na paisagem, destacando ainda traços que permanecem até hoje.

O período áureo da borracha apresenta maior representatividade para a cidade, pois foi nesse período que iniciaram as construções de embelezamento. Isto pode ser entendido nas palavras de Dias:

Modernizar, embelezar e adaptar Manaus às exigências econômicas e sociais da época, passa a ser o objetivo maior dos administradores locais. Era necessário que a cidade se apresentasse moderna, limpa e atraente, para aqueles que a visitavam a negócios ou pretendessem estabelecer-se definitivamente. (2007, p.28).

Diante disso, a intenção era fazer com que a cidade acompanhasse as transformações da Europa, tentando imitar muitas das estruturas físicas de suas cidades, principalmente os modelos das construções de Paris, demonstrando que o moderno e o bonito eram os moldes europeus.

A borracha ofereceu a Manaus o alargamento do seu espaço e a redefinição de sua organização. Um deles foi o aterramento dos igarapés, elemento marcante da cidade, para cada igarapé que era aterrado surge uma avenida ou o alargamento de uma antiga viela, assim, é durante esse processo que Manaus vivencia a ampliação e remodelação de seu espaço, bem como o aumento de sua população (DIAS, 2007). Vale lembrar, que a maioria das obras foi realizada pelo governo de Eduardo Ribeiro.

Durante esse período de “organização”, Manaus passou a presenciar um dos seus primeiros surtos de urbanização, onde muitos migraram de diversas partes do Brasil e do mundo com intuito de fixar moradias nessa localidade, passando a marcar definitivamente a vida, a economia e a cultura dessa cidade.

Vale lembrar que as obras públicas de melhoramento de ruas por meio do serviço de aterros, calçamentos, alargamento, arborização, saneamento, luz elétrica, água, transporte, dentre outros, deu-se principalmente na área comercial, por representar o local de escoamento das mercadorias. (DIAS, 2007). Nesse sentido, Mesquita (2009) descreve que a implantação de tantos serviços, num tempo relativamente curto, poderia caracterizar a cidade como um verdadeiro canteiro de obras.

Diante do mesmo argumento, Mesquita (2009) esclarece que:

Apesar da diversidade de obras e do ritmo acelerado adotado em muitas delas na última década do século XIX, nota-se que foi somente nos primeiros anos do século XX que a nova aparência da cidade estava praticamente definida. Sem dúvida, a sua imagem estava sendo fixada pela estrutura urbanística e arquitetônica que redimensionam e definiram seus espaços e apresentavam nova significação. Dentre essas obras se destaca a edificação do Teatro Amazonas, como protótipo do projeto que transformou Manaus. (MESQUITA, 2009, p. 358)

O Teatro Amazonas é a expressão mais significativa da região. Inaugurado em 1896 é o monumento histórico mais lembrado quando se faz referência ao período econômico do ciclo da borracha. Neste sentido, Mesquita (2009) assinala que o teatro foi uma das principais peças do projeto de embelezamento da cidade, tornando-se juntamente com o desenho do calçamento da Praça de São Sebastião e o monumento de abertura dos portos um dos maiores marcos visuais da capital amazonense, portanto uma marca na paisagem da cidade.

A significação que o teatro assume para quem vive nessa cidade é tão importante que alguns dos entrevistados ao serem questionados sobre que lugar da cidade você mostraria para alguém que viesse visitar Manaus, não hesitaram e responderam o Teatro Amazonas, pois segundo esses sujeitos, representa o primeiro ponto turístico da cidade, portanto, o teatro assume um marco referencial, ou melhor, um marco simbólico. (Figura 01)

Figura 01: Mosaico referente ao entorno do Teatro Amazonas.



Foto: Valdelice de Sousa, 2015. Org.: Valdelice de Sousa, 2015.

Além do Teatro Amazonas como símbolo da relação dos habitantes e dos visitantes da cidade que transformou a capital amazonense, houve outras obras de grande importância, como por exemplo, o Palácio do Governo, o Palácio da Justiça, o Instituto Benjamin Constant, além de parques, praças, bosques e jardins.

Assim, tudo isso retrata uma cidade que jamais foi esquecida, que através de suas construções resgata o antigo traçado da cidade, que procura permanecer em meio aos novos empreendimentos, pois não representam apenas contemplações monumentais, mas principalmente o resgate de uma história vivida.

Essa paisagem, que permanece como símbolo da cidade, foi destacada por um dos entrevistados, ao ser questionado sobre para qual lugar da cidade de Manaus você levaria alguém a conhecer. O entrevistado (06) respondeu que

não poderia ser outro lugar, teria que ser a praça, o Centro, o Largo São Sebastião, por considerá-los símbolos urbanos da Amazônia.

Diante de tantas transformações, Dias (2007) aponta que a cidade passa a ser a Manaus dos coronéis da borracha, da luz elétrica, da Avenida Eduardo Ribeiro e da Rua Municipal, onde bondes elétricos, teatro, porto moderno, magazines, praças, jardins e suntuosos palacetes faziam parte do cenário urbano.

Nas palavras de Oliveira (2003) era a Manaus das avenidas, dos cafés, do teatro, dos palacetes, de um urbanismo higienizado, proveniente da abertura de ruas e igarapés. Cidade onde as vozes dos simples e seus conflitos eram abafados, ou seja, os pobres não eram considerados, onde só a elite tinha rosto e se destacava. De modo geral, Dias (2007) reafirma que a pobreza era vista como perturbadora da ordem, da harmonia e da beleza.

O intuito era “esconder” tudo que desagradava a elite, assim como o que impedia a cidade de se desenvolver e tornar-se moderna, e um deles foi o aterramento dos igarapés da cidade, os quais passavam a dar lugar as pontes e viadutos que ligavam as diferentes zonas da cidade.

Vale lembrar que as praças foram, sem dúvida, junto com os igarapés o mais forte elemento na paisagem da cidade. Era o espaço que abrigava diferentes grupos sociais, onde era caracterizada como lugar de encontro, seja para conversar, namorar, passear, brincar, dentre outros.

Por todos esses aspectos, Manaus passava a construir uma nova imagem, lembrada pelo projeto de embelezamento que iniciara com as construções no centro da cidade, bem como os reajustes das principais avenidas, onde estes empreendimentos estavam sendo construídos. Portanto, o objetivo era torná-la numa cidade cada vez mais modernizada, e esta deveria estar refletida em suas paisagens.

Dias (2007, p. 42) ressalta que “para os administradores locais, sendo Manaus o coração do Amazonas, tudo deverá ser feito para saneá-la, embelezá-la, modernizá-la, ou seja, transformá-la na Paris dos Trópicos”. Conseqüentemente, para que a tão desejada cidade moderna “criada pela borracha” começasse a ser estruturada, como citado, deu-se início ao aterramento dos igarapés, e das construções arquitetônicas.

Nas palavras de Pinheiro temos que (2003, p.37):

A prosperidade começaria a mostrar-se em Manaus na última década do século XIX. A renovação dos prédios públicos, as construções monumentais, aterros e desaterros, a abertura de ruas e avenidas foram acompanhadas pela incorporação, em alguns casos pioneira, de tecnologias urbanas modernas como o sistema de bondes, a iluminação elétrica, a comunicação telefônica, sistema de galerias para drenagem de águas e esgotos, além da abertura de espaços destinados ao lazer refinado, hipódromo, teatro, clubes e etc.

Diante do exposto, a borracha representou um marco na História de Manaus, por ser o período no qual se constituíram as obras públicas mais significativas, que até hoje ainda caracterizam o período de prosperidade econômica da região (MESQUITA, 2009). Além da prosperidade, essas obras públicas deixaram marcas na paisagem da cidade, tão relevante, que ao fazer referência a Manaus, é quase que impossível deixar de mencionar a época da borracha.

No entanto, esse desenvolvimento foi interrompido com “a grande crise”, ou seja, a borracha deixa de ser o principal produto da economia manauara, logo, as relações cotidianas passam a apresentar novos significados para a população dessa cidade, e juntamente com isso os problemas habitacionais começam a aumentar.

Os problemas habitacionais caracterizaram-se pela proliferação de estâncias e de moradias na área central da cidade, sobretudo seguindo o curso dos igarapés. Mediante essas condições surge a cidade flutuante, alternativa mais barata de moradia àqueles que não tinham condições de habitar em terra. (OLIVEIRA, 2003). Com isso a paisagem passa a ser definida, principalmente pela presença das casas flutuantes. (Figura 02)

Figura 02: As casas flutuantes em Manaus. Acervo do Museu do Porto.



Fonte: Oliveira, José Aldemir. Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso. Manaus: EDUFA, 2003.

Muito do que a Manaus era naquele período permanece na paisagem, seja por meio das construções ou por quem as vivenciou, pois a paisagem não é apenas o que está posto, mas principalmente o que se encontra gravado na memória de cada sujeito. É através das experiências vividas, ligadas pelas relações identitárias, que a paisagem não desaparece enquanto essência de quem habita o lugar, pois segundo Besse (2006) a paisagem é expressão da existência humana.

Dessa maneira, quando se aborda o “período da borracha” associado a paisagem da cidade, lembramo-nos do que mais “belo” esse período nos deixou, e ao fazer esse resgate, as primeiras coisas que são recordadas são os suntuosos palacetes, muito deles hoje em ruínas. No entanto, para quem viveu aquele momento, as lembranças vão além das belas construções, era a Manaus dos banhos de igarapés, dos bondes que circulavam na cidade, dos encontros na praça, dos cinemas e das festas que eram frequentadas pela elite e também pelos populares. Em outras palavras, tudo isso simbolizava o cotidiano dos que viveram essa época.

Outro momento de grande importância na estruturação da cidade que deve ser destacado, diz respeito à Zona Franca de Manaus, que através do polo industrial, estabeleceu um novo modelo de organização da cidade, devido a isso a cidade passa a agregar novos significados, isto é, “novas” paisagens passam a ser constituídas.

Se durante o período áureo da borracha ocorreu o primeiro surto de urbanização, com a industrialização esse processo se intensifica. Assim, com o advento da indústria, a cidade de Manaus passa a expandir a sua área de ocupação urbana, principalmente nas zonas leste e norte, ocupando também as margens dos igarapés em diferentes zonas da cidade.

Além disso, Manaus passa a ostentar a proliferação imobiliária em várias áreas da cidade, principalmente nos bairros Parque dez, Ponta Negra e Adrianópolis, mediante a isso a expansão imobiliária passa a ser mais um elemento na paisagem da cidade.

Ao circular pela principal via de acesso ao bairro Ponta Negra, observa-se um extenso agrupamento de prédios nessa área; à medida que nos aproximamos do Parque Ponta Negra, a quantidade de condomínios fechados se intensifica. (Figura 03)

Figura 03: Os empreendimentos imobiliários próximos ao calçadão da Ponta Negra.



Foto: Valdelice de Sousa, 2013.

Dentre os períodos econômicos pelos quais a cidade de Manaus passou, podemos assegurar que o período da borracha, bem como o da Zona Franca de Manaus foram os que deram maior “dinamismo” à cidade, pois foi a partir desses marcos histórico que houve o maior aumento populacional, somando-se a isso a diversidade de atividades econômicas adotadas por quem passava a ocupar o meio urbano.

Vale ressaltar que não é o objeto indústria em si que estrutura essa paisagem, mas a configuração social que surge a partir dela, sendo sua leitura realizada pelos sujeitos que a constitui. De outro modo, a paisagem é carregada de inúmeros significados, associado a isso os sentimentos e emoções dos que vivenciam os lugares.

Carlos (2007) aponta que a observação da paisagem vai permitindo uma leitura e uma interpretação da nossa situação no mundo, revelando de certa forma a relação que se estabelece com os lugares. Cumpre destacar, que as atividades econômicas que predominam são de grande importância para a construção da história desses lugares, por serem uma das bases de estruturação das relações sociais na cidade, no caso aqui analisado, o período áureo da borracha e a Zona Franca de Manaus.

Diante do exposto, Oliveira assegura que:

Se a Manaus de hoje não é apenas um produto do nosso tempo, mas de tempos passados cristalizados na paisagem, por seu turno, a paisagem urbana não se resume aos objetos construídos por homens e mulheres, pois abarca também os modos de vida resultantes das relações de produção continuamente produzidas, reproduzidas, criadas e recriadas, contendo as dimensões da sociedade de cada tempo. (OLIVEIRA, p. 27 e 28, 2003)

Com essas elucidações percebe-se que a paisagem é concebida através do modo de vida dos moradores, os quais apresentam base nas relações de produção da sociedade de cada época, assim, as paisagens são constantemente modificadas, por abarcar as aspirações humanas, a exemplo disso, temos as alterações na área da Ponta Negra.

Portanto, as paisagens são reproduzidas a partir da percepção que o indivíduo possui do ambiente, ou seja, o lugar é o mesmo, mas as apreensões das paisagens são diversas. Diante disso, Lynch (2011) coloca que a imagem de uma determinada realidade varia de acordo com os sujeitos que a observa.

2.2 – Para além da praia: o bairro da Ponta Negra

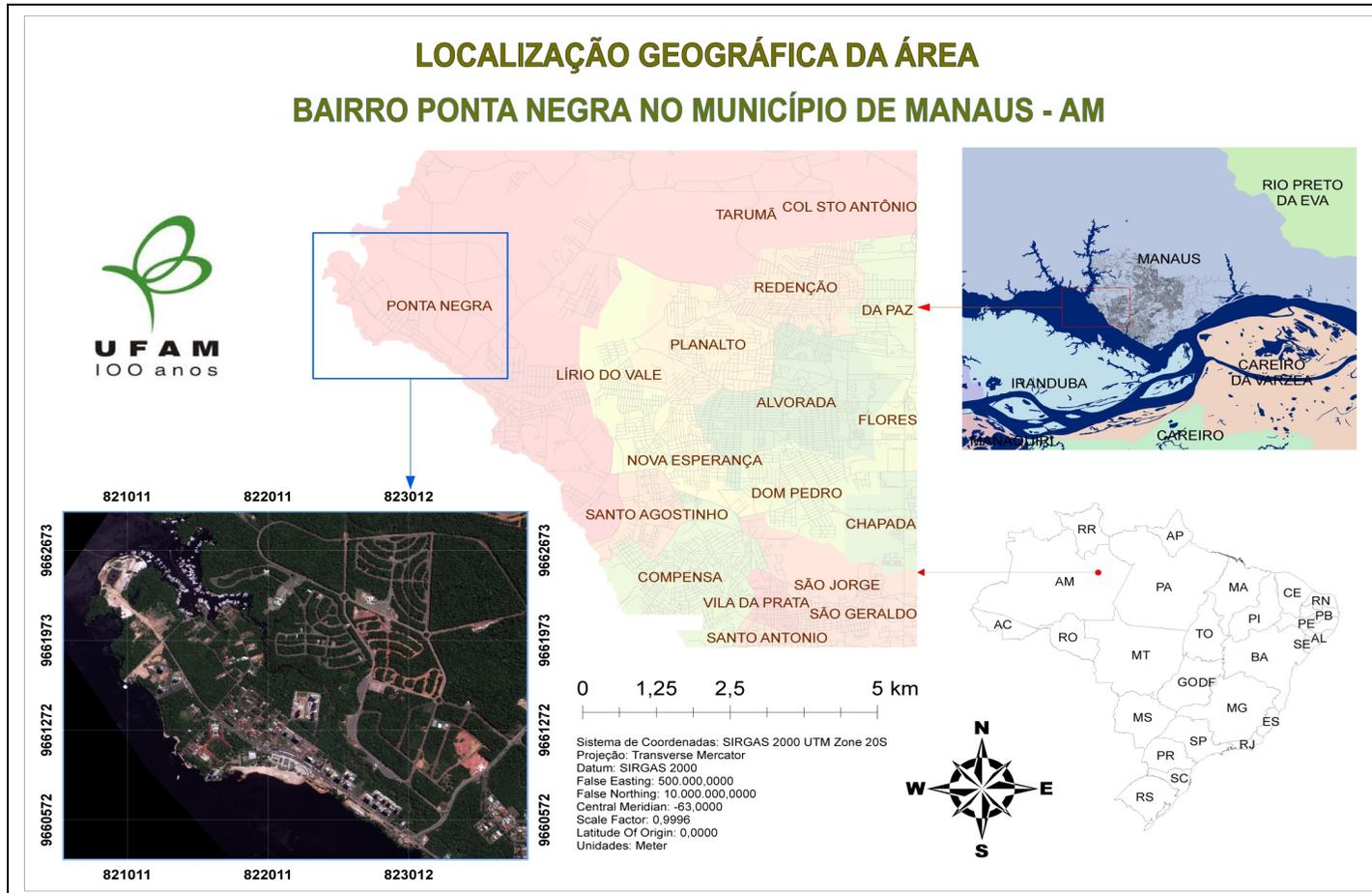
Dentre as cidades que compõem o estado do Amazonas, podemos afirmar que Manaus é uma cidade que possui inúmeros contrastes, sendo um deles, os bairros, que apresentam características urbanísticas bem diferenciadas, e que juntos organizam-se e conferem sentido à cidade.

O bairro é um elemento marcante de uma cidade, isso porque são os moradores que dão sentidos a esses lugares, os quais apresentam simbologias peculiares, o que de certa forma, os define perante os que pertencem ao lugar, no caso do bairro Ponta Negra, os elementos de maior representatividade são a presença imobiliária e a orla do Rio Negro, que o caracteriza diante dos demais bairros da cidade.

Partindo em busca de informações mais específica a respeito do Bairro Ponta Negra, nos deparamos com poucas referências bibliográficas que contemple estudos que fundamente as questões históricas desse lugar, portanto, os dados a seguir foram retirados do Jornal do Comércio, referente ao ano de 2005 e 2014, que retrata a data de comemoração da cidade de Manaus, nessa perspectiva, o jornal relata de forma breve as características dos bairros que constituem cidade de Manaus, forma essa encontrada para homenagear a cidade todos os anos.

O Bairro da Ponta Negra (Figura 04) está localizado na Zona Oeste da cidade, à margem esquerda do Rio Negro, equidistante 13 quilômetros do Centro de Manaus, tendo como limite os bairros de Santo Agostinho, Lírio do Vale e Tarumã, dividindo-se em 125 ruas, das quais 67 são alamedas, a maioria nomes de países, trinta ruas com nomes de países e letras do alfabeto, nove avenidas, dentre as principais, a Coronel Teixeira, popular estrada da Ponta Negra, e Avenida Brasil, nove travessas, duas estradas, duas vias e um ramal.

Figura 04: Mapa de localização do Bairro Ponta Negra-Manaus/Am.



Fonte: Instituto Municipal de Planejamento Urbano. Elaboração: Oliveira, Jair. Org.: Sousa, Valdelice de. 2015.

O processo de modernização do bairro começou com a duplicação da Av. Coronel Jorge Teixeira mais conhecida por estrada Ponta Negra, no início da década de 1970. A expansão imobiliária se voltou para o bairro no final da década de 1980, como uma tendência natural, fazendo surgir inúmeros edifícios voltados para o rio, uma vez que o bairro detém privilegiada paisagem natural.

Segundo o historiador Mario Ypiranga Monteiro, em seu livro "Roteiro Histórico de Manaus", o nome Ponta Negra não tem muita razão de existir, porque o local é completamente diversificado e cheio de cores. No entanto, diz que "o local assim denominado é uma via em declive e as duas pontas da enseada são orladas de mato. Talvez a toponímia resulte de uma falsa imagem a distância, quando o verde adquire uma tonalidade escura", explicação essa adotada para o surgimento do nome Ponta Negra.

A ocupação da área, onde está localizada a praia de mesmo nome, segundo o historiador Monteiro existe poucos registros quanto à data do início de ocupação, o que se sabe é que por volta de 1650 o local já era habitado por tribos indígenas.

É importante destacar que no período áureo da borracha, a região servia como fornecedora de matéria-prima para as construções, tanto que se chamava Areal, justamente por ter muita areia no local. Da Ponta Negra, também saíam grandes quantidades de carvão e pedras. Além disso, no local havia uma grande propriedade onde era cultivado o caju, que pelo grande porte das árvores ficou conhecida como Cajual.

Por muito tempo, a única forma de acesso à praia da Ponta Negra era através de barcos, dada seu isolamento dos outros bairros de Manaus. Somente no primeiro governo de Gilberto Mestrinho, de 1959 a 1963, é que foi aberta a estrada, mas mesmo assim, chegar até a praia era uma aventura, pois área que dava acesso ao local era de barro e não oferecia segurança aos transeuntes nem aos condutores de veículos.

Todo o espaço do chamado Areal começou a ser modernizada com a aquisição de terrenos e construção de grandes propriedades particulares, que começaram aos poucos a ser modernizada e hoje apresenta um grande complexo arquitetônico, com calçadão, anfiteatro e prédios residenciais. Essa

intervenção urbana mudou a paisagem e valorizou ainda mais a área, já bastante rica por sua beleza natural.

Atualmente, o Bairro da Ponta Negra é considerado como um dos mais nobres da cidade. Diante das diversidades que o local apresenta, destaque para as instalações militares, com inúmeras guarnições do Exército, dentre elas o Comando Militar da Amazônia (CMA), a Polícia do Exército (PE) e muitas outras. O bairro ainda é marcado pelos condomínios residenciais, sendo alguns deles próximos a orla do Rio Negro, como Jardim Europa e Jardim das Américas, têm também a presença do Shopping Center e o Parque Cultural, Esporte e Lazer, o qual é frequentado pela elite e os populares.

Vale lembrar que é também na Ponta Negra que está o suntuoso Tropical Hotel de Manaus, primeiro grande investimento na área e porta de entrada para grandes turistas que visitam a cidade de Manaus. O Tropical está instalado em exuberante cenário, marcado pela paisagem da floresta e do Rio Negro (Figura 05).

Figura 05: Tropical Hotel com sua bela vista para o Rio Negro



Foto: Valdelice de Sousa, 2015.

É inevitável não citar o Hotel Tropical quando se realiza um relato da Ponta Negra, ele é, por assim dizer, um dos elementos de grande representatividade na paisagem do lugar, pois apesar de todas as transformações do local, ele continua sendo admirado por todos que visitam a Ponta Negra, demonstrando registro essencial principalmente para os turistas.

Apesar de toda a infraestrutura do local, longe do glamour da orla do Rio Negro, o bairro apresenta uma realidade bem diversificada, pois os sérios problemas de saneamento básico enfrentados por seus moradores são constantes, o que se assemelha com a realidade de inúmeros outros bairros.

Levando em conta a história do bairro que foi mencionada, em várias situações apresenta-se sobreposta por uma imagem exclusiva da área que corresponde ao Parque Ponta Negra, como se o bairro fosse exclusivamente a área da orla, a ponto de muitos questionarem sua existência. É importante ressaltar que o homem cria identificação através das características que considera significantes dos lugares, sendo suas escolhas o reflexo dos seus sentidos e mentalidade.

Sem dúvidas, o Parque Cultural, Esporte e Lazer é o marco mais significativo desse bairro, diria que um símbolo do lugar, pois foi constatado que os condomínios residenciais, e principalmente a orla do Rio Negro são lembrados pela população quando querem fazer referência ao local.

2.3 O balneário da Ponta Negra: “antes não era praia, antes era o Rio Negro”.

Marcada por uma paisagem constituída quase que exclusivamente pela orla do Rio Negro, temos um cenário que foi sendo modificado ao longo dos anos. Uma das transformações mais mencionadas refere-se ao aterramento da praia, que diante disso, foi possível torná-la numa praia perene, ou seja, acessível o ano todo, sem que haja preocupação com o regime de cheia dos rios amazônicos (Figura 06).

Nessa perspectiva, o entrevistado comenta que “não existia praia antes, existia a parte cheia e a parte seca. Ao longo do tempo de cheia, só usava os bares em cima. Hoje usamos a Ponta Negra o ano inteiro, de cheia e vazante, tudo a gente usa” (entrevistado 07, 2015).

Para que isso fosse possível, segundo dados do IMPLURB, foram utilizados cerca de um milhão de metros cúbicos de areia para aterrar a faixa de praia.

Figura 06: O Balneário da Ponta Negra na cheia de 2009.



Foto: Entrevistado 25 (Frequentador da Ponta Negra há 42 anos), 2009.

Além das restrições de uso aos banhistas, quando as águas do Rio Negro começavam a subir, os comerciantes próximos às margens do rio tinham que acompanhar essa subida, isto é, suas barracas eram deslocadas conforme as águas iam subindo, e a medida que as águas iam baixando suas barracas retornavam para as proximidades da orla. Portanto, o entrevistado (08) salienta que “antes a barraca acompanhava a subida e descida das águas. Antes ficava lá em baixo, onde está os sombreiros, conforme a água ia subindo, a gente ia trazendo a barraca. Agora não, tudo isso foi aterrado” (Figura 07 e 08).

Figura 07: Comerciantes acompanhando a subida do Rio Negro



Foto: Entrevistado 25, 2009.

Figura 08: Comerciantes acompanhando a descida do Rio Negro



Foto: entrevistado 25, 2009.

Atualmente, os comerciantes não precisam ter tanta preocupação, pois segundo informações do portal Amazônia (2012), o titular da Secretaria Municipal de Infraestrutura (Seminf), Américo Gorayeb, ressaltou que a praia foi criada em uma cota de 30,50 metros a nível do mar. Desta maneira, os comerciantes dificilmente precisarão remover suas barracas. (Figura 09)

Figura 09: Barraca dos comerciantes próxima à orla.



Foto: Valdelice de Sousa, 2015.

Segundo Mata (1988), o amazonense, descendente de colonos portugueses e aborígenes, com leve contribuição do negro, tem em sua essência a predileção pelas águas de rios e igarapés, os quais gostam de tomar banhos de cuia nos casebres dos bairros distantes e de chuveiros elétricos nos apartamentos de edifícios existentes na cidade.

Antigamente, o uso dos balneários era uma prática constante para os adeptos a esse tipo de lazer, para o qual a população recorria às águas limpas dos rios e igarapés para se refrescar no verão amazônico, os quais eram frequentados principalmente nos finais de semana e feriados, esses banhos, como eram chamados, representava um dos principais pontos de recreação da capital amazonense (Figura 10).

Figura 10: Praia da Ponta Negra.



Fonte: Jornal Acrítica, 1985.

A presença da praia, como assinalado, era a principal marca da Ponta Negra, tanto que, quem se deslocava até o local era com intenção de se divertir nas águas do Rio Negro. Muitos chegavam bem cedo, retornando apenas no final da tarde.

Mata (1988) salienta que com o passar dos anos, a Ponta Negra foi se tornando cada vez mais frequentado, e junto com isso o crescimento da violência. Diante da falta de policiamento, o espaço foi palco de um famoso crime na época “o crime do biquíni verde”, onde a jovem foi levada por viciados em drogas. Esse acontecimento ficou tão conhecido que um dos entrevistados ao relatar sobre a Ponta Negra antiga comentou que presenciou esse fato, e que chegou a ver o corpo da jovem enterrado no local.

Apesar de toda modernidade, e melhorias que o local apresentou nos últimos anos, muitos a preferem como antes, pois assinalam que a “nova” praia, não é original, que suas águas são sujas, além dos vários afogamentos ocorridos após o aterro. Nesse contexto, um dos entrevistados nos relatou que:

Melhorou muita coisa, antes não era praia, antes era o Rio Negro. Mudou muita coisa, uma coisa que não gostei é que vim e não tomei banho. Gosto de tomar banho na praia. Eu vim para tomar banho. Eu gostava antes do Rio Negro, era limpo, no tempo que ele secava, ficava aquele Rio Negro limpo, eu gostava demais. (entrevistado 09, 2014)

O balneário da Ponta Negra era e é um lugar muito atraente, com cenário de uma praia que sempre atraiu os olhares de quem apenas vem com o objetivo de contemplar sua beleza natural. Entrevistando alguns rapazes do grupo de vôlei, eles relataram que gostam de se reunir no local devido a proximidade de suas residências, além da beleza e tranquilidade que o rio proporciona. Outro entrevistado, também mencionou a sensação de poder contemplar o rio “esse privilégio de olhar isso aqui. Tem horas que fico admirando. A natureza é incrível, e olhar para natureza alivia até o estresse” (Entrevistado 10, 2015).

É importante ressaltar que até aproximadamente a década de 90, o acesso a transporte público que chegasse ao local era muito restrito, o que dificultava a ida de quem morava nas zonas leste e norte da cidade. Devido a poucas linhas de ônibus que trafegasse até o local, a presença maior de frequentadores se dava principalmente por quem morava nas proximidades.

Outro fator notório é o comércio ambulante, antes sem nenhum tipo de fiscalização em relação a quem entrava para vender na Ponta Negra, este era dominado por comerciantes nos períodos de maiores fluxos, isto é, nos feriados e fins de semanas, especialmente quando havia programações festivas. Vale considerar, que era comum encontrar a presença das crianças como comerciantes ambulantes (Figura 11).

Figura: 11: Ambulantes na Ponta Negra



Fonte: Jornal Acrítica, 1992.

A respeito desse tipo de comércio, um comerciante do local, que trabalha na Ponta Negra por aproximadamente 42 anos, relata que gosta muito de trabalhar no lugar, que apesar de estar aposentado, não pensa em parar de trabalhar, pois para ele, estar ali é muito bom, que não faz por necessidade, mas por simplesmente gostar, e que deixar de estar na Ponta Negra, nem pensar.

Toda essa discussão nos reporta a Tuan (1983, p. 161) quando ressalta que “a vida é vivida e não é um desfile do qual mantemos à parte e simplesmente observamos. O real são os afazeres diários, é como respirar.”

Durante esse tempo de convivência com a Ponta Negra, percebemos que o entrevistado apresenta um vasto conhecimento do lugar, o qual é construído segundo as experiências que se tem com o mundo, onde a partir dessas experiências, o homem conhece e constrói sua realidade.

Nesse contexto, Tuan (1983) ressalta que:

[...] a experiência implica a capacidade de apreender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento.

Essa relação que o entrevistado possui com a Ponta Negra, nos faz lembrar as teorias sobre o sentido de lugar, que são expressas nas ideias de Oliveira (2012) quando aponta que o lugar é segurança, aconchego, com o qual o homem se liga quando este adquire um significado mais profundo ou íntimo. Esse significado foi principalmente apontado quando ele ressalta que considera a Ponta Negra como se fosse uma mãe, acrescentando ainda que esse lugar é a própria vida.

Notamos que a paisagem da Ponta Negra apresenta novas significações, sendo a principal delas, apontada pelos sujeitos, ao afirmarem ser a Ponta Negra, assim como o Teatro Amazonas, o ponto turístico da cidade. Apesar das ressignificações, o homem procura usufruir do local conforme as vivências e experiências construídas.

É por meio do que foi discutido nesse trabalho, que procuramos compreender a paisagem desse lugar, diante das percepções de cada sujeito frente às mudanças da Ponta Negra, desta maneira serão destacadas as ressignificações construídas.

Para isso, iniciaremos conhecendo a área, destacando as principais atividades desenvolvidas, como por exemplo, os eventos festivos. Em seguida, procuraremos entender os conflitos territoriais que se estabelecem perante a imposição de “normas” que devem ser cumpridas, especialmente pelos comerciantes.

Por último, relatar as percepções que cada sujeito tem do lugar, e conseqüentemente compreender as paisagens a partir da experiência, que segundo Tuan (1983) é constituída de sentimento e pensamento, implicando na capacidade de aprender a partir da própria vivência.

CAPÍTULO 3 - A percepção dos frequentadores do Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra.

“O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante” (DARDEL, 2011, p. 03).

3.1 – A Ponta Negra virou parque

O Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra, também denominado de Complexo Turístico Ponta Negra, está localizado na zona oeste da cidade de Manaus, mas, especificamente no bairro Ponta Negra (Figura 12). O local é administrado pela prefeitura, por meio do Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB).

Figura 12: Mapa de localização da área de estudo – Parque Ponta Negra (Manaus/Am).



Fonte: Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano, 2015.

A denominação de Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra, apesar de pouco utilizado, já é assim designado desde o final dos anos 90, com as recentes revitalizações, o local passou a ser também reconhecido como Complexo Turístico Ponta Negra. Vale lembrar, que esse espaço apresentou ao longo dos últimos anos diversas intervenções, deixando de ter apenas como atrativo a praia, e ganhando forma de um verdadeiro espaço de lazer para a população amazonense.

Apesar das denominações estabelecidas, a população continua a identificar como Ponta Negra. Isso se reflete nas relações existenciais que esses frequentadores possuem com o lugar, sendo as identidades estabelecidas ao longo de suas vivências. Tais visitantes deixam seus registros nas paisagens, fazendo com que reconheçam o lugar a partir das referências construídas por eles. Isso é tão comum, que em diferentes partes da cidade essas atribuições se sobrepõem as que são oficialmente intituladas pela prefeitura.

Essa identificação é dotada de particularidades, ou seja, o homem edifica os lugares segundo o seu envolvimento com o mundo, os quais atribuem valores a todos os elementos que compõe a paisagem. Assim, podemos afirmar que essas atribuições de quem vive e experiencia o lugar, apresentam características que identificam o grupo que o coabita.

Antes de conhecer esse lugar construído pelos homens, iremos apresentar algumas atividades que são desenvolvidas no Parque Ponta Negra. Atrelado a isso, a satisfação dos frequentadores perante a “nova” Ponta Negra, que segundo eles é um lugar que pode ser usufruído pela família.

Segundo dados do IMPLURB (2015), o local compreende uma área total 121.969, 91 m², apresentando em sua estrutura as seguintes características:

- Um centro administrativo, próximo ao Hotel Tropical. Nele funciona um posto de atendimento do SAMU, destinado a oferecer os primeiros socorros; além de uma equipe do Corpo de Bombeiros;
- Conta com 04 banheiros (masculino/feminino) localizados na orla da praia;

- Possui 15 quiosques (08 em funcionamento, atualmente), sendo 01 banca de revistas, 01 loja de conveniência e os demais voltados à AL
- Alimentação/gastronomia.
- Vendedores ambulantes que são membros de cooperativas que venceram licitação.

No que se referem às licitações, de acordo com o citado órgão, existem ainda seis quiosques para entrarem em funcionamento. Há também projetos para construção de restaurantes, que estão passando por estudos de viabilidade. Esse parque é um dos principais lugares que oferece espaços de lazer para a população, seja para nadar, correr, pedalar, praticar vôlei, futebol, futevôlei, realizar manobras na pista de skate, caminhar ou simplesmente apreciar a beleza do lugar.

Dentre os diversos elementos que compreendem o Complexo Turístico Ponta Negra, a praia ainda é considerada uma das características mais marcante do local, atraindo boa parte da população, principalmente nos fins de semana. O rio é um dos componentes mais citado por quem frequenta o parque, não apenas para os frequentadores banhistas, mas também para quem simplesmente o contempla. Os frequentadores ressaltaram que contemplar a beleza do rio, é sinônimo de paz, relaxamento e meditação.

Em vários momentos durante as realizações das entrevistas, os frequentadores destacaram essa beleza, caracterizando a atração pela natureza. Dentre as descrições, cabe ressaltar as proferidas pelo o entrevistado (02), que intitula o lugar como passagem obrigatória sempre que vem a Manaus.

Sempre venho a Ponta Negra, quando venho do Paraná, me atrai a beleza e pureza do ar, me faz bem. Faço uso da praia, quando venho a Ponta Negra faço rodízio, um dia caminhada e um dia praia... Aqui é um lugar gostoso, interessante. (entrevistado 02).

Outro que destacou a beleza do lugar foi um morador da cidade, que procura aproveitar a Ponta Negra, principalmente com a família.

Às vezes venho com a família, tomar um banho, andar no calçadão, se divertir um pouco, a natureza e ver a paisagem... A Ponta Negra se tornou um ponto turístico, porque se tornou um cartão postal da cidade, um local de lazer. (entrevistado 09)

Aproveitando esse espaço, inúmeras atividades culturais e esportivas são desenvolvidas nos períodos de datas comemorativas, como; os desfiles alusivos à semana da pátria; shows, com cantores nacionais e locais para comemorar o aniversário da cidade e réveillon. Além das atividades festivas, temos a realização de campeonato, como por exemplo, o 1º festival aquático (prova que reúne natação e corrida) realizado em 2015.

Não podemos esquecer também da FIFA fan fest, uma grande festa popular, que foi palco para sua realização. Esse evento reuniu uma multidão para assistir aos jogos do mundial em telões que foram montados ao longo do parque. Após o término das partidas, o anfiteatro era organizado para os shows ao vivo com bandas locais ou nacionais.

As festas são as manifestações dos grupos, em vista disso, segundo Claval (2014, p.139) “Cada um é ao mesmo tempo ator e espectador, e vive um momento de intensa emoção, comunhão e evasão. O sentimento do pertencimento coletivo é, então, muito forte”.

Nesse período, o local foi frequentado tanto pela população local, como por pessoas oriundas de outras cidades brasileiras e também por estrangeiros. Havia uma grande concentração em torno dos telões para acompanhar as partidas de futebol, porém havia quem preferisse fazer uso da praia (figura 13).

Figura 13: Momentos da FIFA fan fest no Complexo Esportivo Ponta Negra.



Foto: Valdelice de Sousa, 2014.

Segundo o IMPLURB (2015) a orla, que antes era restrita ao período de seca do rio, recebeu cerca de um milhão de metros cúbicos de areia, o que permitiu ser liberada para banho durante o ano inteiro. Como medida de segurança, os banhistas só podem entrar na água até às 17h, horário em que são realizadas as supervisões do local. Vale lembrar, que antigamente as fiscalizações eram feitas apenas nos fins de semana e feriado, atualmente devido aos acidentes ocorridos após as reformas, as supervisões passaram a ser realizadas diariamente.

A praia é supervisionada por homens do Corpo de Bombeiros, que atuam na prevenção de acidentes e alerta aos visitantes. Uma das estratégias utilizadas foram às delimitações estabelecidas ao longo da orla, as setas na figura 14 identificam as restrições de uso para os banhistas. De acordo com o comandante da corporação, essa foi uma das medidas encontradas para evitar maiores incidentes, visto que, devido à grande quantidade de areia utilizada para aterrar a orla ocasionou certas falhas, por esse motivo em algumas partes à profundidade é bem maior.

Figura 14: Delimitação para uso da praia.



Foto: Valdelice de Sousa, 2013.

Embora dessa demarcação se caracterize numa forma de prevenir acidentes, muitos frequentadores relataram não gostar, e que segundo eles, mesmo com toda essa preocupação, os afogamentos não diminuiram, apontaram ainda que o número de pessoas reduziu muito por conta das interdições no local. Foi o que um dos entrevistados enfatizou: “o cara bota na beira da praia, três metros pra lá, não pode passar da boia, parece que está tomando banho na lama, aí ninguém vem pra isso, jogaram muita areia”. (entrevistado 11, 2015).

Apesar de tudo isso, a praia fluvial, reúne diariamente pessoas oriundas de diversas localidades, por ser considerado um ambiente agradável, fazendo com que muitas famílias se direcionem para esse balneário. Nas entrevistas, ressaltaram que é a única área de lazer de Manaus, onde é possível se divertir com toda a família.

Constatamos por meio dos relatos que muitos dos que usam o calçadão poucos utilizam a orla, uns dos motivos são por considerarem a praia suja. No

entanto, ressaltaram que quando crianças faziam uso da praia com a família. Segundo eles naquela época era limpa. Assim, nos enfatiza que:

Era até mais saudável tomar banho aí. Não tinha aquele problema de você entrar na água e sair se coçando, os cauxi, porque os dejetos do Tropical é jogado direto aí, modernizou, mas em compensação, eles deveriam com essa modernidade, reaproveitar e fazer um tratamento e depois jogar na água, pois assim as pessoas poderiam tomar banho. Tomei banho quando mais jovem, menorzinha com minha irmã, quando mais jovem eu tomava banho, hoje não, eu tenho 44 anos, mais de 20 anos que eu não tomo mais banho. (entrevistado 12)

O público, que procura o parque apenas para se exercitar, vai ter como opção o calçadão, que é todo estruturado com pedras portuguesas. Esse ambiente é destinado à corrida e caminhada, sendo acessível à população a qualquer horário. Entretanto, sua maior concentração se dar a partir das 17h, durante a semana, e nos finais de semana, os usuários já iniciam suas atividades logo pela manhã (figura 15).

Figura 15 : Calçadão do Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra.

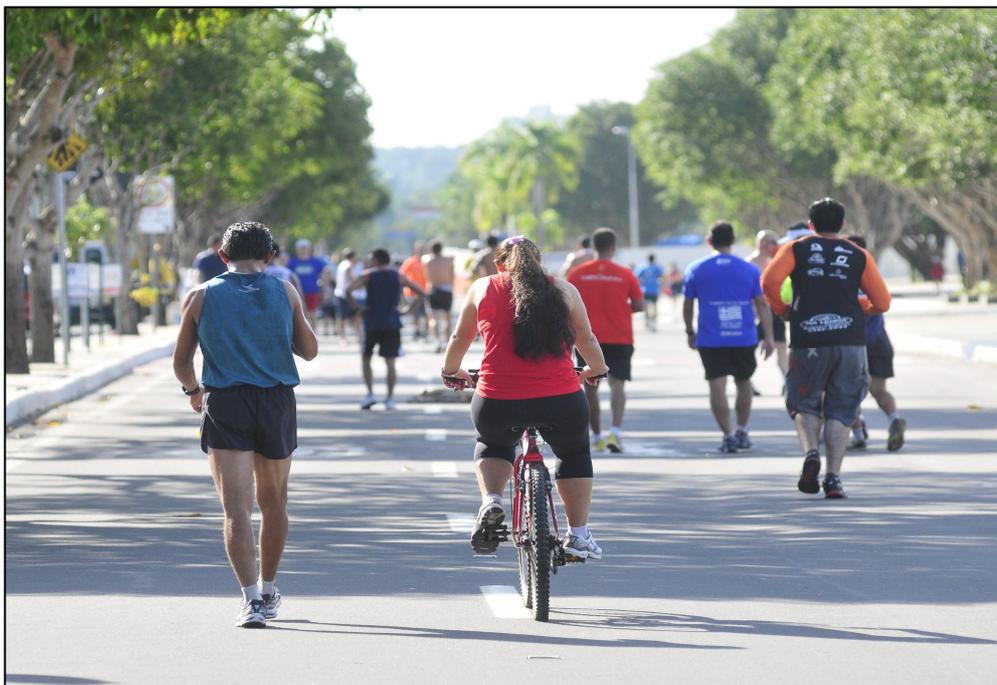


Foto: Valdelice de Sousa, 2014.

Devido a grande concentração do calçadão ficando, muita das vezes, inviável para a realização de algumas atividades. Criou-se, por conta disso, o projeto destinado para “faixa liberada”, da Secretaria Municipal de Juventude, Esporte e Lazer (SEMJEL). Segundo informações do Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (2015) o projeto consiste na interdição da Avenida Coronel Teixeira, no sentido bairro-Centro, para práticas esportivas, das 17h às 22h as quartas, e aos domingos das 6h às 12h. Às quartas-feiras, o

projeto disponibiliza 1,3 km de pista e aos domingos, por conta de um fluxo maior de pessoas, conta com 2,5 km de pista liberada (Figura 16).

Figura 16: Faixa liberada próximo ao calçadão



Fonte: Jornal Acrítica, 2013.

Vários entrevistados mencionaram a importância do calçadão, considerando-o um amplo espaço para se exercitar. Com esse projeto da faixa liberada aumentou ainda mais o acesso ao espaço, o que permite o uso tanto para quem quer caminhar, correr, andar de patins ou pedalar, o que proporcionou mais segurança para todos que estão realizando suas atividades físicas. Assim, nos relatou um dos entrevistados:

É um horário que eles fecham aqui, essa área que eles fecham e fica funcionando aquele lado lá, e fecham essa área aqui, para ficar tranquilo para o pessoal, não ficar perigoso, para o pessoal fazer sua caminhada, andar de bicicleta, de patins, de skate. Ficou mesmo uma coisa pra família. (entrevistado 13, 2015).

De acordo com o citado órgão, no início do ano de 2015, novos quiosques padronizados foram construídos no parque. Após suas instalações, o local passou a contar com quinze pontos comerciais no padrão container, sendo quatorze de alimentação e uma banca de revista (Figura 17). É importante frisar que as unidades comerciais só entram em operação após o

processo de licitação, sendo o estabelecimento adquirido através da lei da maior oferta.

Figura 17: Novos quiosques no padrão container.



Fonte: Valdelice de Sousa, 2015.

Dentre os vários eventos que o Parque Ponta Negra recebe, vale salientar as datas festivas de dezembro, onde é instalada na área do calçadão uma enorme árvore natalina. Há também realização da queima de fogos na virada de ano, reunindo a cada ano, pessoas de diversas partes da cidade, além de turistas, para acompanhar a chegada do ano novo com um show pirotécnico (Figura 18).

Figura 18: Queima de fogos na virada de ano na Ponta Negra



Fonte: Jornal Acrítica, 2010.

Por tudo isso, temos um cenário que procura manter o local com características cada vez mais turísticas, proporcionando tanto para os frequentadores e, principalmente, para o turista um ambiente padronizado, no qual se possa distinguir para onde ir, seja a praia envolvida pelos sombreiros e barracas, ou calçadão com seus pontos comerciais de atributos mais locais.

Desta forma, o objetivo do poder local é organizar para melhor controlar. No entanto, diante dessa “padronização” delimitada pela imposição, acaba causando os diversos conflitos, nos quais o Parque Ponta Negra Esporte e Lazer vivencia cotidianamente.

3.2 Os conflitos territoriais: “as territorialidades construídas”

Não há como negar que a Ponta Negra é palco de conflitos territoriais, essas disputas são estabelecidas pelo poder local que tenta controlar a área. Podemos afirmar que a primeira forma de dominação está inscrita na designação do local com o nome de Parque Esporte e Lazer Ponta Negra, pois ao me dirigir aos entrevistados perguntando se eles sabiam que todo aquele espaço era um parque, muitos afirmaram desconhecer, pois para eles sempre foi a Ponta Negra.

É importante salientar que a placa que identifica o local como parque, data do ano de 2011, no exercício do prefeito da época, Amazonino Mendes. Contudo, sabe-se que essa designação tem como referência meados da década de 90. Essa placa de identificação encontra-se localizado na área do calçadão, próximo ao chafariz (Figura 19).

Figura 19: Placa de identificação do Parque Ponta Negra



Foto: Valdelice de Sousa, 2014.

Por meio da entrevista realizada junto ao funcionário do IMPLURB, o qual é responsável direto pela administração do local, tenta nos esclarecer o porquê da caracterização de parque.

O projeto do parque é do Roberto Moita, do escritório do Moita, foi contratado na época para fazer o parque. Nessa complementação na gestão do Amazonino Mendes que virou parque, aquilo ali era a praia com calçadão. Ai foi criado várias áreas de esporte, foi criada as áreas de lazer, assim recebeu essa denominação. A gente já usa esse nome desde que eu cheguei aqui. (Entrevistado 14, 2015)

Outra imposição marcada pelo poder local é a realização de licitações. Visto que, o licitante precisa estar de acordo com as exigências do edital de licitação para que, assim, possa realizar sua proposta de preço. E desta maneira adquirir um ponto comercial, conforme a lei de maior oferta, o que o permite a trabalhar na legalidade.

Para a aquisição dessas barracas comerciais, os participantes precisam estar filiados a uma cooperativa. Veiga e Fonseca (2001) ressalta que uma cooperativa pode ser definida como uma associação voluntária de no mínimo 20 pessoas com fins econômicos, a qual é regida pelo princípio democrático de cada pessoa um voto.

Atualmente os comerciantes da Ponta Negra são regidos por uma associação e uma cooperativa, ambas com 30 membros cada. A criação de cooperativas e/ou associação é uma forma de facilitar o pagamento das barracas à prefeitura e também de servir de interlocutor entre comerciantes e os órgãos dos quais a Ponta Negra é vinculada. Assim, nos relata um dos cooperados; “nós que arcamos com tudo. A gente passa para o presidente da cooperativa, e é gerado um boleto para a cooperativa e ele vai e encaminha para a prefeitura” (entrevistado 15, 2015).

Após a conquista da barraca comercial, este comerciante, precisa pagar por ocupar a barraca, e também contribuir com a cooperativa ou associação, posto que a colaboração dos membros é um dos princípios que rege o cooperativismo.

Diante disso, torna-se pertinente destacar o que foi relatado por um dos cooperados: “é que aqui trabalhamos com cooperativa, nós pagamos de barraca 1510,00 por mês, 180,00 reais para a cooperativa. A barraca é nossa,

porque pagamos. A cooperativa entra para dar um padrão só. É obrigatório pagar à cooperativa” (Entrevistado 03, 2015).

Além dessa padronização, o cooperado ainda nos acrescenta que a cooperativa que ele faz parte, não permite seus cooperados comprarem em outros estabelecimentos, pois o presidente da cooperativa exige que as bebidas sejam compradas dele, o que gera certa insatisfação.

Nós aqui dessa cooperativa não compramos nada fora, nada de mercado grande, DB, a gente compramos aqui mesmo nesse casarão, aqui é o nosso depósito, distribuidora. Lá não, a associação compra fora. Cooperativa e associação são bem diferente. Nós compramos uma caixa com 12 unidades por 24 ou 25 reais. E vender aqui por 2 ou 3 reais não dar, não dar para cobrir. Aqui só temos lucro quando tem sol, com chuva não vendemos nada. Choveu, o pessoal sumiu. (Entrevistado 03, 2015)

É importante mencionar que segundo alguns comerciantes, os barraqueiros que se encontram instalados na direção do Tropical Hotel são regidos por associação, no entanto, estes se identificam como cooperativas. Ao fazer referência à compra de bebidas, um dos membros foi enfático ao afirmar que podem comprar em qualquer supermercado.

A nossa cooperativa é livre, para quem quiser. Nossa cooperativa são 15 em cima e 15 em baixo. Os de lá só podem comprar da cooperativa. A gente pode comprar em qualquer lugar, qualquer tipo de bebida. Ele só quer 1500 da barraca para pagar a prefeitura. (entrevistado 15, 2015)

Os referidos relatos nos fazem lembrar as análises de Gomes (2006) ao estabelecer que o território é:

uma parcela de um terreno utilizada como forma de expressão e exercício do controle sobre outrem. Por meio deste controle é possível a imposição de regras de acesso, de circulação e normatização de usos, de atitudes e comportamentos sobre este espaço. (2006, p.12)

Diante disso, temos que os conflitos mais frequentes no Parque Ponta Negra foram descritos pelos comerciantes. Cada comerciante possui o seu “espaço” que são estabelecidos pela área de cada barraca. Além disso, cada barraqueiro precisa cumprir as normas estabelecidas pela administração local, dentre as regras, destaque para a não permissão de venda de refeições, determinação de horário para funcionamento das barracas e a proibição de bebidas em garrafas de vidros.

Essas “normas” acabam produzindo descontentamento quando os comerciantes se lembram da antiga Ponta Negra. Para eles, após as reformas e com as normas estabelecidas, ficou muito difícil trabalhar, pois não dá para vender o que realmente gera lucro, como por exemplo, as refeições, asseguram ainda, que há meses que nem os valores para pagar a barraca conseguem faturar, sem contar com as péssimas estruturas das barracas.

Aqui só posso vender isso aqui. Só coisas industrializadas. Não podemos ficar até meia noite. Para ter lucro maior deveriam permitir vender na madrugada. Não podemos vender comida, os barraqueiros não podem ficar até às 23h. Mas, o povão vem depois das 23. (entrevistado 15, 2015)

Além disso, as barracas não apresentam estruturas suficientes para aguentarem as variações do tempo, tanto que ao começar a chover, não existe possibilidade dos barraqueiros permanecerem, o que os leva a guardarem seus produtos, com a esperança de retornar depois, caso “pare de chover.” (Figura 20). Vale citar também que as barracas não possuem energia elétrica, tendo que contar com a energia dos postes que ilumina o calçadão. Desta forma, o entrevistado comenta que: “a Ponta Negra não dá condição para a gente trabalhar. Cada barraca dessa deveria ter energia. Só cobra, cobra” (entrevistado 16, 2015).

Figura 20: Estruturas das barracas comerciais.



Foto: Valdelice de Sousa, 2015.

A respeito das estruturas da barraca, é relevante citar o que foi dito pelo o entrevistado (17):

Antes era melhor, ficou uma coisa sem estrutura que você está vendo, porque deixar aqui, eles roubam, antes não tinha problema, de ontem para hoje foram duas barracas roubadas. Quem vai arcar com a bebida que levaram de um, de outro? Eu procuro não deixar bebida aqui. (entrevistado 17, 2015)

Essas afirmações aparecem também nas narrativas do entrevistado (18):

O bom que antes as barracas tinham estruturas, tinha energia, tudo padronizadinho, bonitinhas, mesas, cadeiras, sombreiros grande. O ruim era o espaço que era apertadinho. Hoje, aqui você é roubado, em uma semana roubaram a gente cinco vezes. (Entrevistado 18, 2015)

Cabe mencionar que todas as barracas no parque são padronizadas, tanto na estrutura física quanto na localização. Assim, a parte próxima à orla tem-se as barracas e seus sombreiros. No calçadão, próximo a pista, podemos encontrar os carrinhos comerciais, os quais apresentam identificação da prefeitura e a designação do que cada um vende, sendo eles: algodão doce, churros e pipoca. (Figura 21)

Figura 21: Carros comerciais padronizados pela prefeitura



Foto: Valdelice de Sousa, 2014.

Além desses pontos comerciais fixos, há os comerciantes “móveis”, ou seja, os ambulantes legalizados, que trabalham com venda de balões. Igualmente, aos comerciantes das barracas e dos carrinhos, eles precisam pagar mensalmente para que se tenha permissão de vender suas mercadorias. Para que desta forma, haja o controle de quem realmente podem vender no local, os vendedores de balões precisam usar um jaleco que apresenta a identificação da prefeitura e o nome do local que se trabalha, no caso aqui, o Parque Ponta Negra.

Uma prática muito comum nos pontos comerciais da Ponta Negra é a contratação de pessoas, algumas relataram que apenas trabalham nas barracas durante a semana, e que nos finais de semana, o dono assume a venda. Nessa perspectiva, um dos entrevistados afirma que: “não sou dono da barraca, presto serviço” (entrevistado 19, 2015).

Assim como os pontos comerciais, os banheiros também passaram por licitações, isto é, a pessoa que o adquire, paga mensalmente ao Instituto Municipal de Planejamento Urbano. Sobre isso a entrevistada (20) relata: “o banheiro é pago, 1601, pagamos para o IMPLURB, sendo que é para manutenção da praia, não vai direto para prefeitura, pagamos para o IMPLURB” (entrevistado 20, 2015).

Por consequência, o banheiro acaba se tonando um “comércio”, pois para que se possa fazer uso, é preciso pagar o valor de um real a cada ida. Quando questionados sobre essa cobrança, a maioria não concorda, destacando que se o local é público, não deveriam cobrar. Em vista disso, a insatisfação é evidenciada nas falas dos entrevistados, dentre elas, vale transcrever o que foi dito pelo entrevistado (15):

O que não me agrada aqui são os banheiros. Toda vez que vou ao banheiro tenho que pagar 1,00. Hoje em dia o prefeito não dar nada para ninguém não. Tudo é pago. Aqui é um shopping ao ar livre, a gente entende assim, os banheiros não era para ser assim. Como é um shopping ao ar livre, tinha que ter um banheiro mais bonito do que esse daí. Para chamar a atenção do povo. (entrevistado 15, 2015)

Em contrapartida, a funcionária do banheiro, reconhece que não é correta essa cobrança, mas que é necessária para a manutenção do banheiro. (Figura 22). Nessa concepção a entrevistada (20) declara que: “não é correto eu sei, isso aqui é público. Mas, a questão se fosse livre, não tinha mais vaso,

torneira, já estaria tudo quebrado, porque eles quebram e é o povo mesmo que destrói” (entrevistada 20, 2015).

Figura 22: Informativo a respeito das cobranças para uso dos banheiros

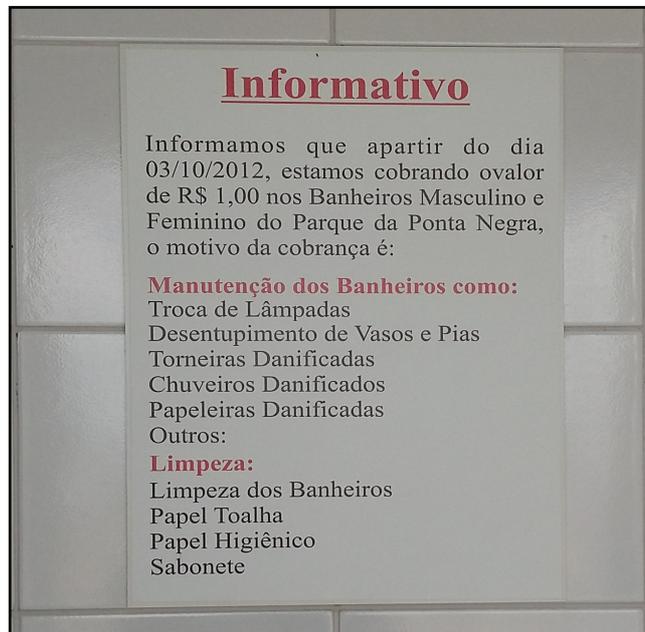


Foto: Valdelice de Sousa, 2015.

Apesar de todas essas “regras” fazerem parte do cotidiano de quem vivencia a “nova” Ponta Negra, percebemos existir uma relação existencial afetiva dos frequentadores com esse lugar, sendo os sentimentos presença constantes nas construções das paisagens descritas.

3.3 A Ponta Negra como lugar de existência

Conhecer o lugar a partir das vivências e experiências de cada sujeito é buscar entender para além do visível. É representar os lugares por meio da construção do lugar vivido, por esse motivo, as informações que os homens adquiriram ao longo dos anos são os reconhecimentos que eles estabeleceram e estabelecem dos lugares, fazendo com que as descrições das paisagens sejam elaboradas segundo esse conteúdo.

Nesse contexto, os caminhos adotados para compreendermos as ressignificações das paisagens foram por meio das percepções construídas do lugar. Vale lembrar, que as descrições das paisagens a cerca do lugar Ponta

Negra é uma construção mediatizada através das experiências vividas, ou seja, uma relação de vida.

Essa experiência, como ressalta Nogueira (2001) não é aquela enquanto processo de experimentação, mas a do conhecimento que é construído na relação intersubjetiva entre homens e lugares, isto é, o conhecimento que é experienciado e vivido.

Tuan (1983) acrescenta que:

A experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 1983, p. 9).

Portanto, foi a partir das experiências vividas que a pesquisa trilhou seus caminhos. Antes de iniciar as entrevistas com os sujeitos, primeiramente foi realizado uma sondagem da área numa manhã nublada de domingo, apesar do tempo, observamos que a presença de pessoas naquele dia era significativa, porquanto estavam espalhadas ao longo do parque, realizando diversas atividades, tais como: caminhando, correndo, pedalando ou até mesmo usufruindo da praia.

Nesse primeiro momento, a intenção não era realizar as entrevistas, mas conhecer o lugar foco da pesquisa, no entanto, naquele dia, travamos uma conversa informal com um senhor, que praticava caminhada no calçadão. Ao me apresentar como pesquisadora, este ficou desconfiado, e começou a fazer várias perguntas, após o interrogatório a respeito da pesquisa, acabou se convencendo e elogiando o trabalho, a partir disso, começamos o nosso diálogo.

Primeiramente, perguntamos o que era para ele está na Ponta Negra, disse-nos que era um lugar de paz e tranquilidade, como se estivesse realizando uma terapia. Acrescentou ainda, gostar de olhar para o rio e de mergulhar nas águas do Rio Negro, diante disso, encerrou dizendo que a Ponta Negra é tão bonita, que lembra as praias do Rio de Janeiro. Dessa forma, temos um lugar de valoração, pois o homem o atribui significados. Mata (1988) acrescenta que a Ponta Negra almeja ao público uma área de agradável

convívio, o qual se busca um banho saudável num domingo por inteiro entregue à higiene mental.

Prosseguindo, os relatos permearam, como citado, na perspectiva de compreender a paisagem da Ponta Negra, como lugar existencial. Para isso, fez-se uso dos fundamentos fenomenológicos, bases essas que nos permite descrever o mundo vivido do sujeito.

A percepção a cerca da paisagem é dotada de diversos elementos simbólicos presentes nas representações. “Um símbolo é um repositório de significados. Estes emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo” (TUAN, 1983, p. 203). Por isso, nenhuma percepção de um mesmo lugar é igual, por mais que as informações sejam semelhantes, cada percepção é única, pois cada elemento descrito são expressões vividas de cada sujeito.

As representações dos sujeitos da Ponta Negra são carregadas de relações afetivas. Tanto que, ao perguntar dos entrevistados sobre as mortes ocorridos no local, relataram que todas essas mortes não ocorreram lá. Assim nos disse um dos entrevistados: “o povo inventa muito, fico chateado quando dizem que ocorreu na Ponta Negra”. (Entrevistado 21, 2014). Isso nos reporta as abordagens de Tuan (1983) ao ressaltar que quando alguém critica um lugar íntimo, este se ofende, não importando como seja, pois este é o seu lugar vivido diariamente.

Dessa forma, diante das relações vividas que os frequentadores percebem a Ponta Negra, e ressignifica a paisagem. Assim, constatamos nas falas dos sujeitos, ao relatarem o significado que o lugar representa.

Um dos pontos turísticos da cidade, um lugar que conheço desde minha infância, assim como o lugar de excelentes recordações. Passeios com a família fizeram parte disso, sempre trazido por minha mãe. Quando criança, eu ficava encantado... com o rio, areia, etc. Por várias vezes, ainda quando estava na igreja católica, fizemos reuniões e alguns pique nicks a beira do rio... Brincadeiras no parque que tinha. A Ponta Negra era quase um sonho pra uma criança na minha época. Fora alguns relacionamentos que começaram aqui. (entrevistado 05, 2015)

Outro entrevistado considera a Ponta Negra muito importante, pois segundo ele:

É o espaço público, tem que está disponível para população, ainda mais agora que ela passou por reforma, é importante. O poder

público tende a oferecer espaço para a população. E eu acho que a Ponta Negra ela é de fato espaço de todos, não é só de quem mora em um desses prédios, desses condomínios. Ela sempre foi o lugar em que as pessoas vem com suas famílias, elas vêm fazer algum trabalho de algum lugar, elas vêm da igreja, elas vêm de algum canto passear na Ponta Negra. É muito importante não só como ponto turístico, mas é importante para o próprio morador da cidade. (Entrevistado 22, 2014)

Outra descrição que nos chamou atenção a despeito do significado da Ponta Negra foi narrada pelo entrevistado (23), que argumenta que está ali, é “fugir” da rotina diária.

[...] representa uma fuga da cidade em si, você sabe... a cidade vai sufocando as pessoas nas ruas, nas casas, que às vezes você está quase prisioneiro dentro de sua própria casa, entendeu?. [...] aqui você se senti livre, seguro, porque tem bem mais segurança e as vezes você não pode hoje está na porta da sua casa, dependendo do bairro e da rua, ela é muito insegura, é muita droga, muita bebedeira, então estou me referindo a isso. (entrevistado 23, 2015)

Ao exemplificar tais relatos, temos que segundo Gomes (2001) a paisagem seria a representação mental de um espaço real cujo conteúdo apresenta diversidade. O mesmo autor argumenta que “a paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que por sua vez, é condicionada por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais, e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente” (BENJAMIN, 1980 *apud* GOMES, 2001, p. 56).

Para tanto, as representações são gestadas numa relação existencial, sendo as informações subjetivas transmissora de afetividade para com os lugares. E isso pode ser confirmado nos relatos acima, que descrevem a Ponta Negra segundo uma dimensão de suas próprias vivências.

A paisagem existe a partir do indivíduo que a organiza, combina e promove arranjos do conteúdo e forma dos elementos e processos, num jogo de mosaico, onde os homens retêm, reproduz e distingue elementos significativos desse mosaico construído (GOMES, 2001).

Assim, tivemos que cada elemento desse mosaico foi representado tendo em vista as apreensões do lugar Ponta Negra. Cada paisagem descrita e percebida é exclusiva de cada indivíduo. Deste modo, foram consideradas em suas descrições realidades simbólicas, das quais são carregadas de sentimentos e pensamentos.

Para essa descrição, compartilhamos das leituras filosóficas de Ane Buttimer e Marwyn Samuels, que por meio das abordagens fenomenológicas, podemos analisar e descrever o mundo tal como as pessoas vivem sua experiência direta (CLAVAL, 2014). Dessa forma, temos vários relatos dessas experiências, no entanto não é intenção transcrever todos, mas destacar os mais significativos relatos sobre a Ponta Negra atual e antiga.

Essa experiência direta pode ser percebida nos relatos da entrevistada (24):

Eu vinha muito pequenininha para cá, houve uma evolução, uma grande evolução para o que era. Além dela ser o ponto chave da cidade de Manaus, ela é a única, não existe outra, calçadão de praia, só a Ponta Negra. Além dela ser o ponto chave turístico, a opção agora com essa pista aí, ela facilitou muito, porque se você for entrevistar pessoas aqui, aqui tem zona sul, leste, oeste e norte, eu sou do centro-oeste. Todo mundo se concentra na Ponta Negra, porque a Ponta negra apesar dos pesares ainda tem segurança, aqui a gente pode sentar e conversar, estamos aqui conversando, não houve em momento algum alguém que oportunou a gente aqui, a gente está tranquilo, já caminhamos, agora sentamos um pouco, antes não, havia muita violência. [...] Já banhei aqui em baixo quando eu tomava cerveja, bebia nessas coisas feias que tinha por ali. [...] agora está tudo organizado pra cá, quer dizer, eu, particularmente acho que deu uma grande evoluída. Hoje, você pode trazer sua família. [...] Precisa ser melhorado, precisa, acho que tem pouco policiamento, antes era pior, não tinha nada. [...] se você observar da orla até lá embaixo, eles colocaram todas as barraquinhas desse lado aqui, a gente estava olhando, a gente fomos muito para aquela ponta, tomar sorvete ali, estamos olhando a praia lá, areia. Aí eu falei: poxa, quem viu isso e quem ver, era muito lixo. Cansei de quase furar o pé em gargalo de garrafa na areia. Hoje não, estão todos nos recipientes. Isso é a conscientização de cada um, existe?, Existe. Sabe como era antigamente a Ponta Negra, lavavam a mão aqui, trazia o sabonete, todo mundo escovava os dentes e o pessoal tomando banho ali, e a pessoa acabava de comer o frango ou peixe ia lavar a mão lá em baixo, e ainda levava o sabonete para lavar a mão. Hoje não existe mais, se o fiscal ver, acho que ele manda tirar. Apesar do que, eu não tomo banho lá embaixo, eu não venho com essa finalidade. Eu acho que não vejo quase lixo, porque a gente ver os recipientes de lixo lá, nada de fazer fogo, antigamente fazia o fogo, aquela farofada toda ali, comia, ali bebia, entendeu?. Hoje está bem mais apresentável você pode trazer um casal de amigos seu de fora do estado, vamos dar uma volta lá na orla?. Hoje, você pode chamar isso de orla, antigamente ninguém podia chamar isso de orla, de pista de calçadão. Hoje, você tem um calçadão, livre, não tem barraqueiro, antes dava muita briga. (entrevistada 24, 2014.)

As experiências vividas pelo entrevistado (20) representam que:

Antes a Ponta Negra era melhor, eu frequento aqui desde 97, mas era muito melhor naquele tempo, té doido, era melhor demais. Depois que fizeram isso aqui, ficou familiar, foi o que o governo fez. O que eles fizeram, tiraram o povão. Agora é o ponto turístico de

Manaus, o que ele fez?... Ele afastou o povão, o que é o povão, é nós, que gostava daqui, que vinha aqui e tal... o que ele fez?... Vamos tirar esse pessoal daqui, vamos mostrar para esse povo de fora, um lugar melhor, se ele ajeitou? Bacana. Claro que ele colocou segurança, mas não colocava segurança para gente antigamente. O que ele fez? Vamos excluir esse pessoal, e vamos deixar aqui um negócio bacana. Quer dizer que isso daqui, não é mais para os amazonenses, a Ponta Negra é pra fora, é para o povo que vem ver, pra gente não, para gente era antigamente, peixe frito, caldeirada, era para o amazonense. Hoje, é difícil eu vim para cá. Eu em casa não falo de vim. A Ponta Negra já foi sinônimo da gente, hoje não é mais. Hoje, a Ponta Negra é sinônimo do pessoal que tem dinheiro para ficar lá em cima tirando foto e ir embora, só isso. (entrevistado 11, 2015)

Portanto, temos que a paisagem é a reprodução do conhecimento do lugar, construídas pelas relações culturais, sendo o conhecimento as manifestações das experiências vividas. Por consequência, Mearleau-Ponty (1994) citado por Nogueira (2001) devemos valorizar a experiência de quem vive o lugar, pois cada ser possui uma relação íntima com o lugar.

Na tentativa de descrever a paisagem por meio dos relatos de quem experiencia a Ponta Negra cotidianamente. Um dos entrevistados que tinha aproximadamente 35 anos trabalhando nessa área, não se conteve em apenas relatar as transformações pelas quais a Ponta Negra passou ao longo dos anos. Foi, então, que numa de nossas conversas, chegou a perguntar, “você quer que eu desenhe?, é melhor, assim, você irá conseguir entender como aqui mudou, tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos” (entrevistado 18).

E assim foi com traçados simples que esse entrevistado, nos demonstrou através de três recortes espaciais a paisagem da Ponta Negra. A primeira, caracterizada no início da década de 70, a segunda, fazendo menção ao período pós década de 90; e a última, a atual Ponta Negra.

Essas representações gráficas dos lugares são denominadas de mapas mentais. Segundo Nogueira (2001) os mapas são elaborados a partir das percepções dos lugares vividos e experienciados. “É a representação da forma de como o homem percebe, representa, descreve e vive o lugar” (NOGUEIRA, 2001, p. 82).

Vale lembrar que os homens sempre tiveram o anseio de deixar registrado através de gravuras todos os ambientes por eles percorridos. Por isso, Nogueira (2001) nos recorda que:

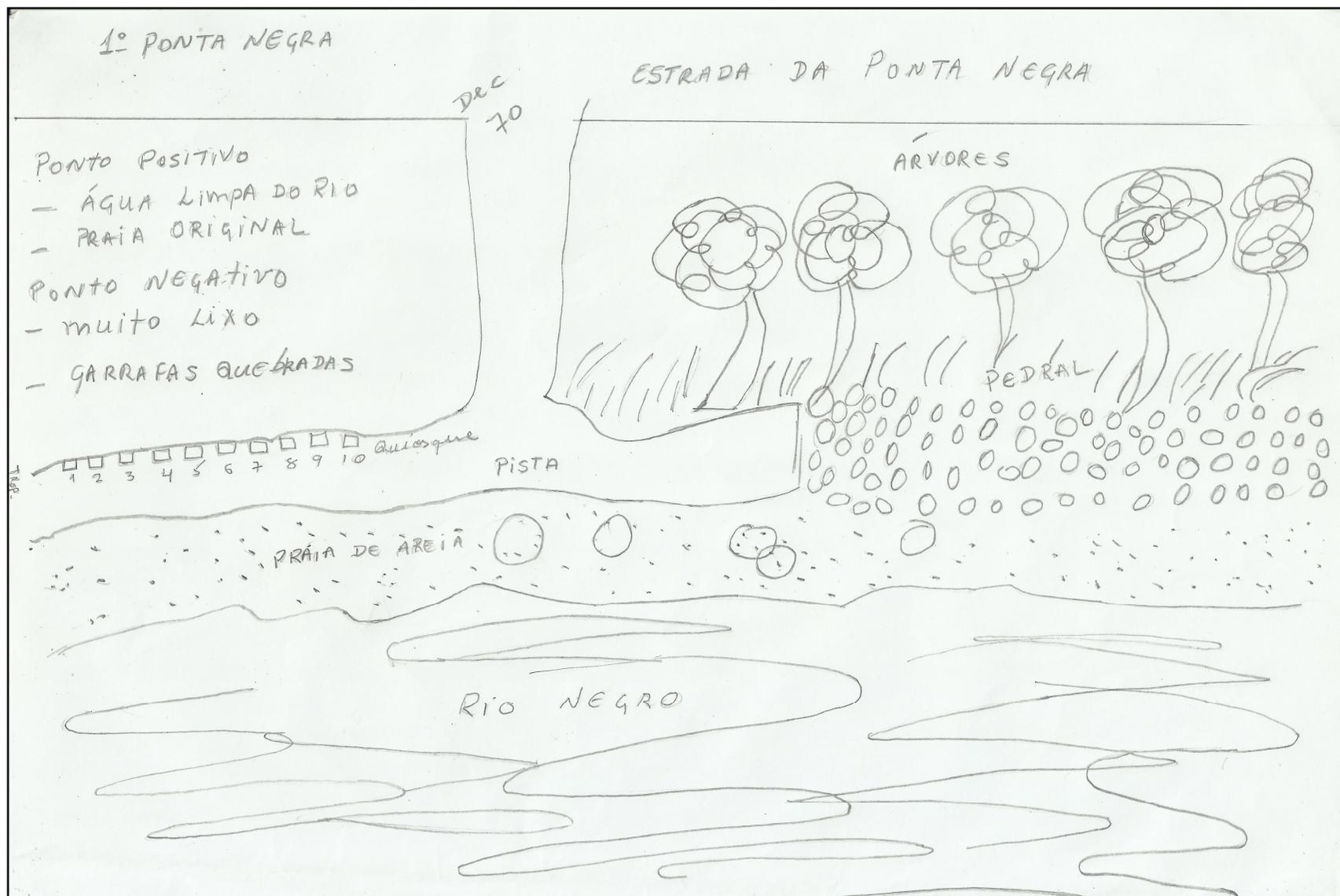
Passamos a conhecer nossa história, primeiramente através da leitura dessas representações. Nossos ancestrais documentaram sua passagem na terra a partir de gráficos, desenhos de animais de figuras humanas e de pequenos percursos. (NOGUEIRA, 2001, p. 83)

Nogueira (2001) acrescenta ainda que nos mapas mentais estão contidas todas as informações que se apreende de um determinado lugar. São produtos do saber, relativos aos lugares construídos a partir das experiências dos sujeitos no/com o lugar. Por isso, “Todo sinal contido nos mapas tem uma leitura do espaço. Onde estão envolvidos sentimentos, conhecimento direto e indireto que fornece informações sobre a capacidade do indivíduo de estruturar o espaço.” (NOGUEIRA, 2001, p; 89 e 90)

Os mapas são construções que apresentam informações das quais, inúmeras das vezes passam despercebidas durante os relatos dos sujeitos. Mas que, ao retratar por meio dos mapas as realidades por eles vividas, acabam surgindo detalhes que somente quem possui uma relação existencial com o lugar conseguem transmitir.

Essas abordagens podem ser bem compreendidas ao “olhar” o mapa elaborado por um “barraqueiro” do local, que descrevem com bastantes detalhes o que pouco foi dito por ele. Portanto, as representações gráficas permearam na perspectiva da relação direta do sujeito com o lugar, ou seja, das realidades vividas.

Figura 23: Mapa mental 01 da 1ª Ponta Negra



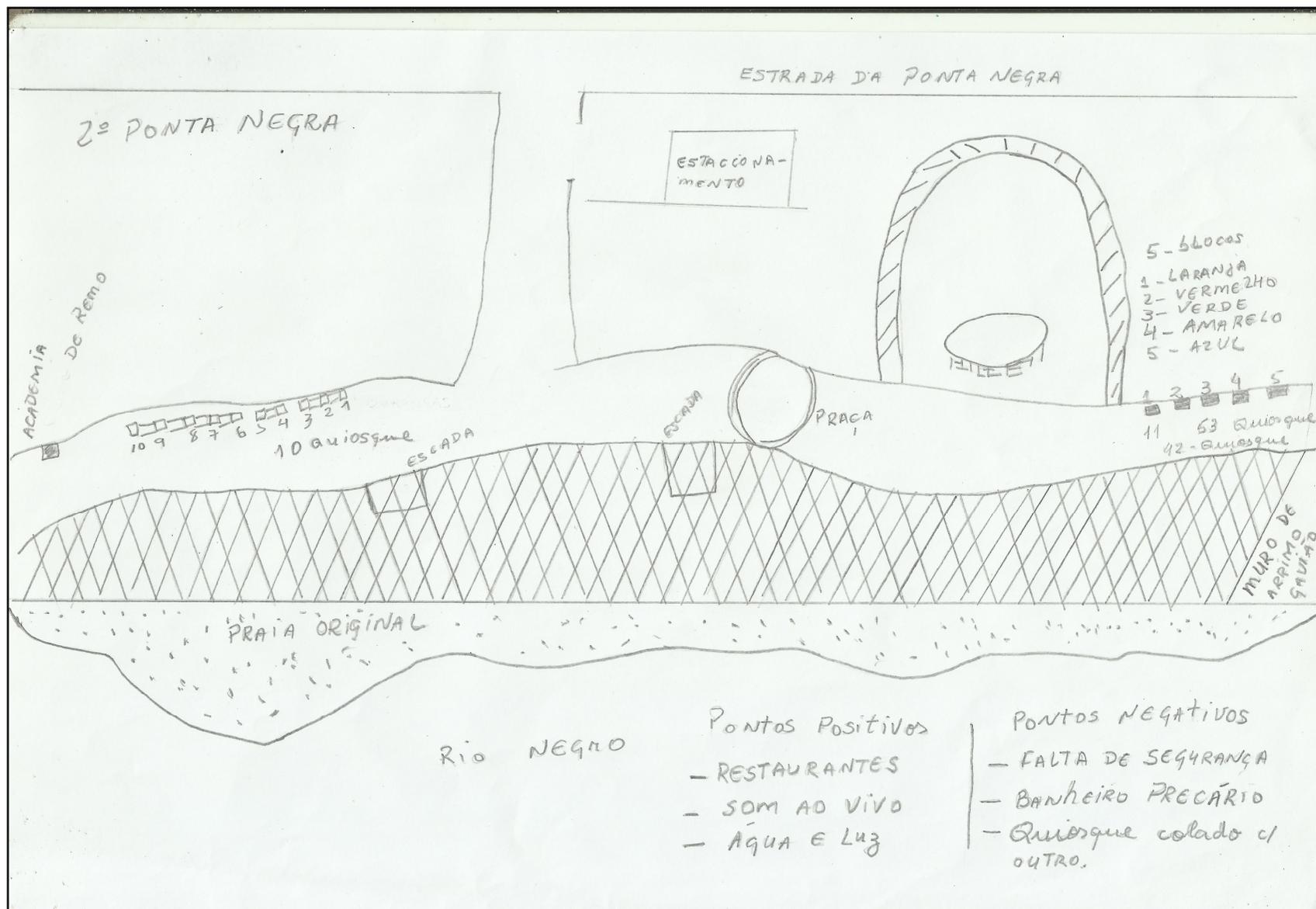
Fonte: Entrevistado 18, 2015

Mapa mental 01

No primeiro mapa, o entrevistado, representou o que ele denomina de primeira Ponta Negra, fazendo referência à década de 70. Nesse período segundo os elementos destacado por esse sujeito ainda se via muita vegetação no local, além de inúmeras pedras próximas as árvores. Ele nos descreve que nessa Ponta Negra eles eram “livres” para fazer uso do balneário. Assim, nos relata o entrevistado (18) “a entrada é aqui, os dez boxes aqui, para cá não tinha box, a gente trabalhava aqui nas barraquinhas. Aqui era o rio, na praia a gente assávamos peixe, tomávamos banho, fazíamos tudo”. Portanto, desenvolviam suas atividades de comercialização, bem como, as de lazer sem restrições do poder local.

É importante destacar que ele teve a preocupação de evidenciar nos três mapas os elementos positivos e negativos da Ponta Negra, elementos esses, caracterizados pelas três principais reformas ocorridas.

Figura 24: Mapa mental 02 da 2ª Ponta Negra



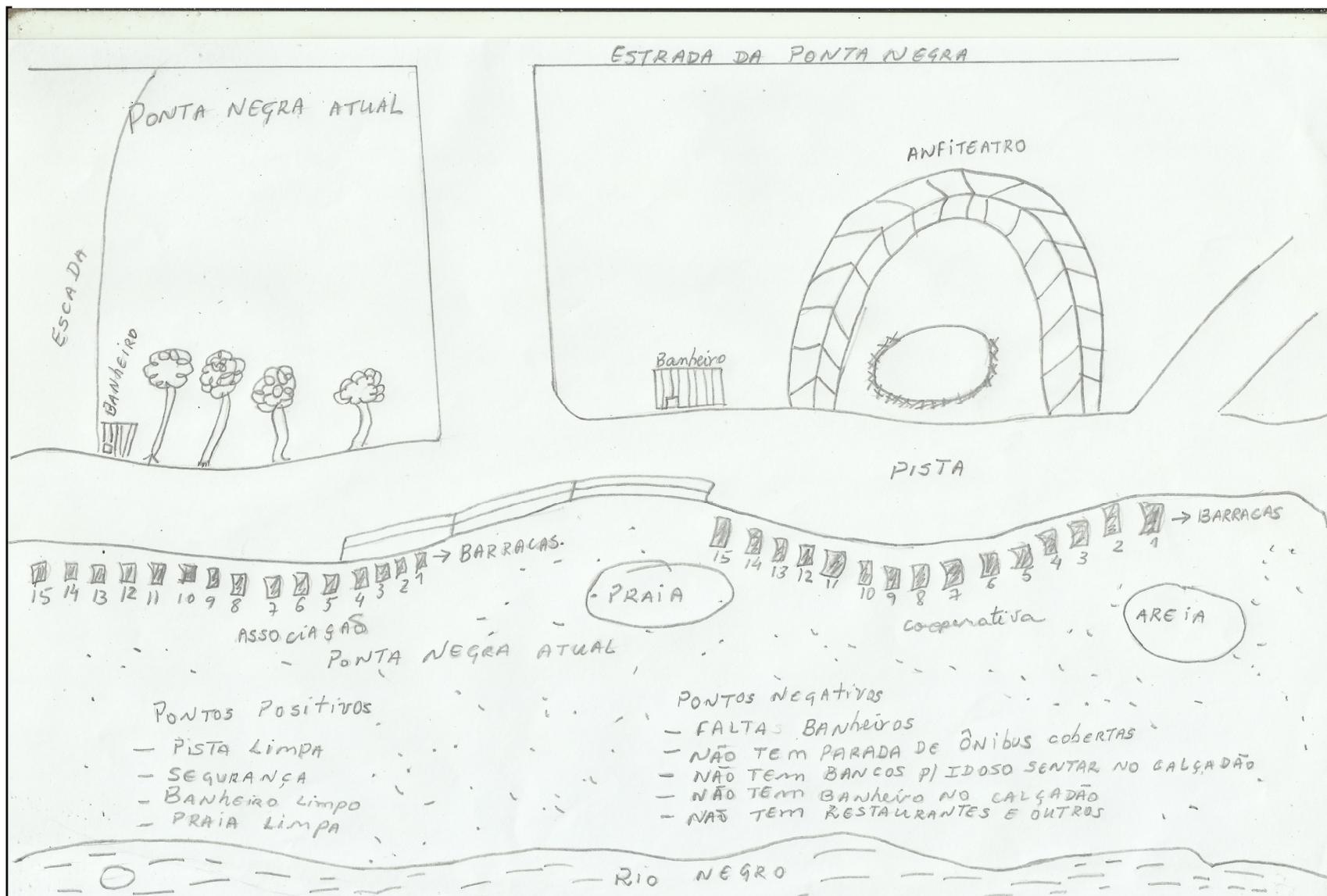
Fonte: Entrevistado 18, 2015

Mapa mental 02:

Na segunda representação, o sujeito destaca a inserção de novos elementos na Ponta Negra, como por exemplo, o anfiteatro e a praça, era nesses locais que ocorriam as atividades festivas. Para fazer uso da praia, que ele denomina de praia original, os banhistas precisavam descer as escadas que ficavam próximos ao “muro de arrimo gavião”. Outro elemento a ser frisado é a retirada dos pedregulhos que permitiu a continuação da estrada, e conseqüentemente o surgimento de novos pontos comerciantes. Diante disso, o entrevistado nos explicou sua representação:

Aqui fizeram o anfiteatro perto do estacionamento que ficava ali em cima. Aqui eles continuaram a pista, quebraram as pedras que tinham e fizeram aqui 42 quiosques. Era por bloco, cada bloco variavam entre 10 a 12 que dava um total de 42 boxes. Dando continuação, o total geral era 53 quiosques. Depois desse anfiteatro tinha uma praça, tinha uma escada que descia que dava acesso à praia. Aqui a praia ainda era original, todos os quiosques aqui vendiam comida. Aqui colocávamos cadeira, sombreros, som ao vivo, a noite enchia de carros. Na praça tinha alguns pontos comerciai

Figura 25: Mapa mental 03 da atual Ponta Negra



Fonte: Entrevistado 18, 2015

Mapa mental 03:

Nesse último mapa, o entrevistado identifica a presença de algumas árvores, destaca a presença da associação e da cooperativa, que tem como objetivo padronizar os pontos comerciais. Essa padronização é compreendida inicialmente ao se observar a presença de quinze barracas de cada lado, que até então não existia essa preocupação com a regularidade. Percebemos que nessa representação, ele procurou destacar a maior quantidade possível de pontos negativos encontrados atualmente na Ponta Negra.

Ao compararmos as três representações, percebemos que dentre as mudanças ocorridas, a praia foi o elemento que mais nos chamou atenção, pois ao representá-la teve toda acuidade de destacar o seu “aumento”, ampliação essa, originária da grande quantidade de areia despejada no local, diante disso, os sujeitos passaram a denominá-la de praia não original.

Diante dos mapas apresentados, podemos afirmar de acordo com as proposições de Nogueira (2001) que os mapas mentais são os primeiros traçados que construímos dos lugares por nós experienciados, os quais são construídos a partir de nossa relação existencial com eles. Portanto, cumpre transcrever o que foi ressaltado por essa autora em seu trabalho “A Geograficidade dos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas” que nos contempla afirmando que as representações gráficas podem conter:

[...] uma descrição mais real dos lugares, porque a preocupação de quem os traça não é com exatidão, mas com a informação do que contém. Os Mapas Mentais, por serem mais do que uma imagem de “sobre vôo” porque são representações de quem habita e vive o lugar, nos demonstram que o que neles vem representado expressa realmente o lugar como ele é. (NOGUEIRA, 2001, p. 162.)

Por tudo isso, os mapas mentais são representações dos lugares vividos, os quais são elaborados a partir das histórias de quem vive nele. Nesses mapas, encontramos os elementos mais significativos revelados pelo sujeito que pertence ao lugar, revelando assim traços culturais específicos.

CONSIDERAÇÕES

De tudo que foi exposto, o enfoque teórico e metodológico da pesquisa fundamentado nos pressupostos da Geografia Cultural e Humanística de perspectiva fenomenológica, nos permitiu adentrar ao mundo vivido dos sujeitos, e assim entender a essência da paisagem do Parque Ponta Negra.

Constituindo a paisagem uma relação existencial dos homens com os lugares, tivemos diversas acepções da sua construção, pois cada sujeito a observa, a interpreta e a analisa segundo suas experiências vividas. Nessa perspectiva, suas descrições permearam diante das transformações ocorridas, sendo que em cada alteração, novas significações passavam a ser atribuídas ao lugar.

Nesta direção, temos que nos últimos anos, a Ponta Negra foi palco de diversas intervenções, tendo como objetivo torná-la num ambiente cada vez mais frequentado, principalmente pela população local. Durante muito tempo, essa paisagem foi marcada quase que exclusivamente pela presença da praia. Visto que, nos finais de semana muitos tentavam chegar até o balneário para se refrescar nas águas do Rio Negro. Em entrevistas com alguns frequentadores, eles relataram que faziam uso da praia, toda vez que se dirigiam até o local, mas que atualmente com essa areia que colocaram, não tem como utilizá-la, por considerarem uma praia suja.

A leitura de cada sujeito, a respeito da paisagem, consisti nas relações construídas com os lugares, sendo desenvolvida por meio da cultura. Segundo Claval (2014) a paisagem é matriz da cultura, conseqüentemente, carregada de uma dimensão simbólica. A cultura representa a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas.

Nesse contexto, as percepções foram carregadas de sentimentos e simbolismos. As impressões simbólicas da paisagem da Ponta Negra, por quem vive cotidianamente aquele espaço, foram assinaladas principalmente pela presença do rio, pois durante os relatos, muitos descreveram que o rio

transmite os mais diversos sentimentos, e que na presença dele até o estresse é aliviado.

As representações do lugar foram arquitetadas pelas percepções dos frequentadores. Nesse sentido, temos que o Parque Ponta Negra, segundo os turistas representa um lugar de passagem obrigatória, pois consideram um dos pontos turísticos da cidade. Para a população local é o único lugar que possui um calçadão de praia que se possa ser usufruído por toda a família de forma segura, relataram ainda, que não há como negar que a Ponta Negra hoje é sinônimo de ambiente familiar.

Nesse caminho, Tuan (2012) nos alerta que as percepções das pessoas que estão de passagem, ou seja, dos turistas, não podem ser negligenciadas. Em geral, sua percepção é construída quase que exclusivamente pelo olhar. Ao contrário do nativo, que apresenta uma atitude complexa do ambiente, expressa diante do comportamento, da tradição local, do conhecimento e do mito.

Cumprir destacar, que os “visitantes” acabam construindo uma relação de identidade com o lugar, tanto que em suas descrições nos disseram que toda vez que vem a Manaus procuram estar na Ponta Negra, seja para fazer uso do calçadão e da praia, ou simplesmente admirar a beleza do lugar.

Os diálogos realizados com os comerciantes, que de certa forma são frequentadores, foram carregados de conflitos territoriais. Isso se deve, principalmente pela imposição do poder local em estabelecer “regras” para a comercialização, dentre elas, podemos destacar, o horário de funcionamento das barracas, as mercadorias permitidas para a venda e o horário de funcionamento da praia.

Cabe ressaltar, que essas normas foram estabelecidas através do Termo de Compromisso de Ajustamento de conduta, o TAC. Cada cláusula desse documento destaca o que compete a cada órgão que atua no parque. O termo também, alerta os banhistas quanto ao horário de funcionamento da praia, bem como, a demarcação da área que limita até onde pode ser usada sem risco de maiores acidentes. Segundo o comandante do corpo de bombeiros, responsável pela fiscalização da praia, a delimitação é necessária

em virtude das falhas existentes em função do aterro realizado durante as reformas.

De acordo com esses comerciantes as regras acabam dificultando suas vendas, pois alegam que os produtos que dão lucro são proibidos de serem vendidos. Sem contar que, o não cumprimento de tais normas acaba gerando ao comerciante uma notificação de sua barraca. E caso este continue descumprimento as normas, corre o risco de perder o seu ponto comercial. Por tudo isso, acaba provocando insatisfação e “revolta” nos que são regularizados. Assim, nos expressa o entrevistado (17): “não entendo nada, a lei tem para nós, para os clandestinos não”. O entrevistado (08) acrescenta que “não tem ninguém para fiscalizar ele, tem pra mim, agora se eu for vender uma marmita lá em baixo, o fiscal da prefeitura vai lá comigo”.

Esses conflitos acabam destruindo toda uma relação que existia, posto que a territorialização e o controle causam uma recondução na frequência do lugar. Isso é tão verdadeiro, que entre os entrevistados teve alguns que deixaram de ir a Ponta Negra, por considerarem que o lugar não é mais para eles.

Apesar desses conflitos, algo que nos chamou atenção foram as relações de afetividades construídas, principalmente, dos comerciantes mais antigos. Apesar de toda essa situação não pensam em sair dali, pois são anos vivenciando as transformações da Ponta Negra. Sem contar que não perderam a esperança de poder retornar a vender suas antigas mercadorias.

Conhecer essas realidades experienciadas foi possível através dos relatos dos frequentadores do lugar, os quais apresentaram possuir bastante tempo de vivência com a Ponta Negra. Logo, suas percepções em relação à paisagem atual foram constituídas segundo uma dimensão simbólica que foi sendo construído ao longo dos anos vividos.

Os mapas mentais, assim como, os depoimentos, nos fizeram notar o quanto significativos são os elementos estruturado na leitura da paisagem de cada indivíduo. Tanto que, a cada mudança ocorrida na praia ou no calçadão, novos significados acabavam sendo atribuídos.

Observando os mapas mentais elaborados pelo entrevistado (18), percebemos que as realidades são construções de momentos pretéritos que

estão presentes na consciência, que não são fantasias, mas frutos das experiências vivenciadas no lugar, as quais acabam refletindo em sua representação atual da Ponta Negra. O mapa por ser a representação do vivido é organizado segundo as relações primeiras que cada indivíduo possui do lugar. No caso, aqui analisado, temos que por ser o autor dos mapas um comerciante, suas representações priorizaram principalmente as mudanças ocorridas em relação ao conjunto de pontos comerciais.

Diante das diversas mudanças ocorridas, vale mencionar, a área da praia, pois foi o elemento presente nos três mapas, em suas demonstrações, o sujeito procurou nos alertar a distância que os comerciantes passavam a ter a cada reforma realizada. No entanto, como destacado no terceiro mapa, foi somente na última reforma que começou a se estabelecer a proibição de vendas muito próxima ao rio.

Desta forma, as paisagens representadas foram resultados das percepções dos sujeitos, sendo definida pelos mapas, e principalmente pelos relatos. Assim, a paisagem foi sendo configurada a partir do que cada sujeito relatava. A cada descrição percebíamos os marcos simbólicos constituído por cada um. Por esse motivo, as paisagens não podem ser compreendidas apenas no lance de um olhar.

Portanto, os elementos que compõe a paisagem do Parque Ponta Negra não são apenas o que estão visíveis aos olhos; mas acima de tudo, o que se esconde em nossas mentes, pois é através dessa análise que a paisagem pensada por nós foi compreendida em sua essência.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução Vladimir Bartalini. – São Paulo: perspectiva, 2006.

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Geografia Cultural: um Século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BUTTNER, Anne. **Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. 2ª edição. Rio Claro: DIFEL, 1985.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **As perspectivas dos Estudos Geográficos**. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. 2ª edição. Rio Claro: DIFEL, 1985.

CLAVAL, Paul. **O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. **Campo e perspectivas da Geografia Cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

_____. **A Paisagem dos geógrafos**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

_____. **A geografia Cultural; tradução**. PIMENTA, Luís Fugazzola, PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. 4ª. Ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Carl Sauer e a Escola de Berkeley-uma apreciação**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. **Formas simbólicas e espaço: algumas considerações**. Trabalho apresentado na Aula Inaugural do Programa de pós-graduação em Geografia da UFF – Niterói, em 19.03.2007.

CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda.** In: CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Introdução à Geografia Cultural.** 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica.** Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia.** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10 ed. São Paulo: centauro, 2008.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920.** Editora Valer, 2007.

GOMES, Edivânia Tôrres Aguiar. **Natureza e Cultura: representação na paisagem.** In: CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009.

HOLZER, Wether. **A Geografia Humanística: uma revisão. Espaço e Cultura,** UERJ. Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

_____ **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** Revista TERRITÓRIO, nº 3, jul./dez. 1997.

_____ **A Geografia Humanística: sua trajetória 1950-1990.** Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2013.

Instituto Municipal de Planejamento Urbano. **Complexo Turístico Ponta Negra e o primeiro atrativo da série conheça Manaus,** 2014. Disponível: www.implurb.manaus.am.gov.br.

Jornal do Comércio. Caderno especial sobre **Bairros contam a História em data comemorativa da cidade de Manaus**, 2005. Disponível em: www.jcam.com.br

Jornal do Comércio. Caderno especial sobre **o Bairro Ponta Negra: um modo de vida sustentável em data comemorativa da cidade de Manaus**, 2014. Disponível em: www.jcam.com.br

JR. RIBEIRO, João. **Fenomenologia**. São Paulo: Pancast editorial, 1991.

KEVIN, Lynch. **A imagem da cidade**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3ªed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **A (RE) Significação da Paisagem no período Contemporâneo**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MATA, João Nogueira. **Manaus por dentro**. Academia Amazonense de Letras, 1988.

MELLO, Vera Mayrinck. **Paisagem e simbolismo**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MESQUITA, Otoni. **La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. (Coleção primeiros passos). 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa Mental: Recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau**. Dissertação de Mestrado. USP. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 1994.

_____. **Percepção e representação gráfica: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: EDUFA, 2003.

OLIVEIRA, Livia de; **O sentido do lugar?** In: **Qual o espaço do lugar: geografia, epistemologia, fenomenologia**. Org.: JR. MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. – São Paulo: Perspectiva, 2012.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**. 2ªed. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

Portal da Amazônia. **Administração comercial da Ponta Negra volta à Prefeitura de Manaus**, 2012. Disponível em: <http://www.portalamazonia.com.br/>

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIO, Vicent. Vicente Del Rio e Livia de Oliveira (orgs.). **A percepção Ambiental - a experiência brasileira**: Nobel. São Paulo, 1999.

ROCHA, Samir Alexandre. **A valorização da paisagem natural protegida em área urbana: parque municipal do Finder, Joinville (SC)**. Dissertação de mestrado, Florianópolis/SC, 2006.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University, 1986.

SAUER, Carl O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectiva da Geografia**. 2ª edição. Rio Claro: DIFEL, 1985.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VEIGA, Sandra Mayrink; FONSECA, Isaque. **Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação**. Rio de Janeiro: Fase, 2001.

ZANATTA, B. A. **A abordagem Cultural na Geografia**. *Temporis(ação)*. UEG, v.1, nº 09, p.249-262, 2007.